

Presepada teatral em dois atos, uma chegada e uma folgança

Teatro musical brasileiro para a infância e a juventude

Teatro da roda dança – Palco e rua

Espectáculos musicais de palco, tenda, praça e rua

Menção honrosa – Prêmio Ana Maria Machado de Dramaturgia 2007

Sinopse / Argumento

Os artistas navegantes do Teatro do Mundo ancoram a barca grande para apresentar a tragicomédia Coração diamante: Maria ama o poeta João, mas o pai endividado quer que a filha conheça o general Orozimbão, viúvo rico, velho grotesco e violento, que solta “traques” desavergonhadamente e anda com um porrete. João, os amigos e o general se veem numa pensão e quase brigam. No encontro com o general, Maria canta, ele solta um “traque” estrondoso e adormece. João aparece e quer matá-lo. Maria o demove da ideia. João beija Maria e promete que não a deixará. O general acorda e quase vê João fugindo. Entre encontros e desencontros com João, Maria casa com Orozimbão pressionada pelos pais. Na festa de casamento, João e os amigos aparecem disfarçados, vestidos de mulher. De repente, dois pica-paus invadem a festa, atacam, tiram e levam os olhos do general, que estrebucha, solta o último “traque” e morre. Todos descobrem que o general é de madeira, não tem coração e o levam para a fogueira. Os pais se convencem do amor de Maria e João, os dois “corações diamantes” se beijam e a história tem como desfecho uma festa com maxixe, coco e baião até o dia clarear.

Dados sobre gênero, assunto, personagens, encenação, músicas, público

É um espetáculo de teatro musical popular brasileiro para a infância e a juventude, uma tragicomédia com atores e bonecos apresentado pela trupe de artistas navegantes do Teatro do Mundo como um jogo poético musical com personagens duplos, cortes e passagens de planos entre os atores no palco, os mamulengos e sombras na tenda, os bonecos “marotes” no palco, os “bonecos aéreos”, pica-paus e cupins, em sobrevoos pelo palco e a plateia, atores-cartazes-jornais, quiproquós, um poeta, uma donzela, um general grotesco e bizarro que solta traques estrondosos, um casamento, uma revelação e uma festança final. Música ao vivo (letras, músicas, temas e composições do autor), com samba de batucada, de desafio na poesia e no pé, com cuíca, talheres, pratos, raladores e panelas, samba-de-roda, serenata com bolero, canção cigana, balada de amor, tango, valsa, maxixe, marcha-rancho, baião, xote, cocos da Paraíba, danças, brinquedos e cantigas de roda do cancioneiro popular brasileiro.

Gênero: Teatro musical; teatro de bonecos e formas animadas; tragicomédia musical.

Faixa Etária: classificação livre; teatro para todas as idades; para ser encenado por crianças e jovens; infantil e infanto-juvenil.

Nº de Personagens: 42

PERSONAGENS

NARRADOR 1

NARRADOR 2

ATOR 1

ATOR 2

ATRIZ 1

ATRIZ 2

ATOR 3: ator-objeto-bala perdida; ator-objeto é a interação entre ator e personagem-objeto, em que o ator anima o objeto, a bala perdida pequena, em tamanho real, e o seu corpo é também o objeto ampliado, a bala perdida grande.

MARIA: atriz e boneco mamulengo: 50 cm da cabeça à barra da luva/camisolão/roupa; talhado em cortiça, mulungu e/ou outra madeira ou material leve; boneco de luva; personagem duplo; atriz e boneco com os mesmos figurinos e características físicas; indicações para os outros bonecos mamulengos da peça, apresentados a seguir.

JOÃO PEDRO: ator e boneco mamulengo.

RAPAZES: (3) figuras dos pensamentos de Maria; bonecos de sombras coloridas, silhuetas animadas atrás de uma tela translúcida iluminada por um foco de luz; silhuetas e atores com os mesmos figurinos e caracteres; personagens duplos.

ALCEBÍADES: pai de Maria; ator e boneco mamulengo.

IEDA: mãe de Maria; atriz e boneco mamulengo.

INÉZIA: empregada; atriz e boneco mamulengo.

BARBOSA: dono da mercearia; ator e boneco marote: boneco integrado ao corpo do ator, em proporções naturais, animado diretamente por uma das mãos do ator que articula a boca e mexe a cabeça do boneco, na vara central da cabeça, e a outra mão do ator é a própria mão do boneco; personagem duplo; ator e boneco com os mesmos figurinos e caracteres; indicações para os outros bonecos marotes da peça.

FARAH: dono da loja; ator e boneco marote.

BERGMAN: banqueiro; ator e boneco marote.

Dr. MIRANDA: advogado; ator e boneco marote.

FÁTIMA: amiga de Maria; atriz e boneco mamulengo.

INÊS: amiga de Maria; atriz e boneco mamulengo.

CRISTINA: amiga de Maria; atriz e boneco mamulengo.

CARVALHO: dono da pensão; ator.

RAPAZES: (3) hóspedes da pensão; atores.

TADEU: amigo de João Pedro; ator e boneco mamulengo.

SANTIAGO: amigo de João Pedro; ator e boneco mamulengo.

OROZIMBÃO: general grotesco e bizarro, gorducho, barrigudo, “inchado”, barbado, peruca escandalosa, usa porrete, repulsivo, solta “traques” estrondosos; ator e boneco mamulengo.

OROZIMBUCHO: filho mais novo, gorducho e baixo; ator e boneco mamulengo.

OROZIMBINHO: filho mais velho do general, alto e magrelo; ator e boneco mamulengo.

CUPINS: (2) bonecos “aéreos”, construídos na ponta de varas de pesca, animados por 2 atores com fios de *nylon* na base do caniço; bonecos “aéreos” com leveza e variedade de movimentos das asas, cabeças e olhos; indicações para os pica-paus.

PICA-PAUS: (2) bonecos construídos e manipulados como os cupins; mexem os bicos.

JORNALEIROS: (3) atores-jornais, com placas no pescoço; atores-cartazes com folhas de jornal com círculo vazado no meio, onde põem o rosto e se transformam em cartaz.

MOÇO DO CHAPÉU: ator-músico, violão.

MÚSICOS: (3)* violão e outras cordas, flauta e outros sopros, percussão e canto; música ao vivo; vestindo fardas e casacas brancas de almirantes, capitães e mestres, os músicos ora ficam ao lado da tenda dos bonecos, ora no tablado lateral, acima ou abaixo do plano do palco, sentados ou em pé; todos os sons da peça são feitos pelos músicos; sonoplastia ao vivo; música acústica; no quadro de músicas e nas rubricas ao longo do texto são indicados os ritmos, modos e instrumentos usados em cada música, tema e intervenção sonora.

* **Aos músicos:** os “acentos musicais” indicados nas rubricas são “comentários” musicais, acentos e intervenções sonoras cômicas e/ou dramáticas dos instrumentos para marcar uma fala, um gesto, uma ação ou uma situação na tessitura da intriga;

música instrumental narrativa. As indicações “vocal e instrumental” no quadro de músicas e nas rubricas são para as músicas cantadas (vocais) e tocadas (instrumentais), as músicas e temas apenas instrumentais e para as canções somente cantadas, sem instrumentos, em solo e/ou em coro, conforme a cena.

As indicações de “bis”, colocadas entre parênteses no final dos versos, significam que o verso todo deve ser cantado novamente, bisado, em coro e/ou em solo, de acordo com a música.

* As indicações “ator/atriz e boneco mamulengo e/ou ator boneco marote” no quadro de personagens apontam que os personagens são duplos, ora atores no palco, ora bonecos na tenda, com os mesmos figurinos, caracteres, movimentos e trejeitos; os bonecos marotes são integrados ao corpo do ator, também são personagens duplos, com os mesmos figurinos e caracteres.

* A tenda dos bonecos tem duas escadas laterais e acima, uma janela ou moldura, como uma empanada, para a manipulação dos mamulengos, conjugada com uma tela para projeção de bonecos de sombras/silhuetas. A tenda é inspirada nos “títeres de porta” do início do século passado, com uma colcha estendida numa porta aberta, dividindo o espaço entre os bonecos, acima, e os atores animadores brincantes, abaixo da colcha. Uma tela translúcida no fundo da janela, com um foco de luz, é usada para a animação dos bonecos de sombra, as silhuetas.

* Iluminação: jogo de mudanças dos planos dos atores/atrizes no palco e dos bonecos mamulengos e sombras/silhuetas na tenda, com cortes, passagens rápidas e transformações do ambiente cênico através da iluminação; os deslocamentos do ambiente da intriga são marcados e indicados pela iluminação, a música, as ações e/ou os diálogos, de acordo com as rubricas.

* No Prólogo, o ATOR 1, personagem Domingos Passos Dias Armando Nascimento Filho, usa cacófatos e alguns podem soar inapropriados ao público infantil e infanto-juvenil. O autor optou em não cortar e manter os cacófatos no texto original, para que o(a) diretor(a) leia a obra na íntegra, analise e perceba a essência tragicômica do prólogo com a trupe de artistas navegantes, músicos, cantores, “artistas rapsodos”, poetas ambulantes, avalie as expressões cacofônicas no contexto cênico e substitua e/ou retire as que considerar desagradáveis. O autor pesquisou os cacófatos recorrentes na língua portuguesa e entende que as cacofonias são colocadas numa atmosfera cômica e melodramática. Os jogos e as improvisações com a linguagem que causam sentidos duplos ou criam outros sentidos ao que se fala, como os cacófatos, são características da comédia, da tragicomédia e do teatro de mamulengos. Deste modo, o autor propõe ao(à) diretor(a) que leia com atenção as falas e as breves passagens cacofônicas do personagem no prólogo, considere as perspectivas pedagógicas e/ou educativas da obra e analise a manutenção e/ou a substituição e/ou o corte dos cacófatos que avaliar como inconvenientes. Com a riqueza dos sotaques e falas do mundão chamado Brasil, o autor sugere que o(a) diretor(a) e o elenco pesquisem, descubram, inventem, criem e acrescentem novos cacófatos ao texto.

“Rubricas” são os textos que complementam os diálogos de uma obra teatral, com as indicações de ações, gestos, intenções, emoções, movimentações, iluminação, cenários, figurinos, sonoplastia, músicas, entradas e saídas dos personagens, etc., colocadas em itálico e entre parênteses ao longo do texto.

MÚSICAS (Letras, músicas, temas e composições do autor)

NA RODA DANÇA DO MUNDO: samba de batucada, carioca e/ou baiano, de desafio na poesia e no pé, vocal e instrumental, com garfos, colheres, pratos, facas, raladores, etc.; uma cuíca vibra e pulsa com os objetos.

ZUNZUM: samba-de-roda, vocal e instrumental.

MELODRAMA: bolero, serenata, instrumental.

CORAÇÃO DIAMANTE: xote, vocal e instrumental.

FORMOSA: cantiga de roda, vocal e instrumental.

QUERER: canção romântica, instrumental.

BALADA DO ABANDONO: canção cigana, vocal e instrumental.

PALOMITA: tango, instrumental.

BEIJINHO: valsa, instrumental.

PEGA NA CINTURA DELA: baião, vocal e instrumental.

PICA-PAU: maxixe, instrumental.

NAS ONDAS DO MAR: coco, vocal e instrumental.

SAUDADE: marcha-rancho, vocal e instrumental.

(Cancioneiro popular brasileiro; danças, cantigas e brinquedos de roda; domínio público.)

IAIÁ, MEU LENÇO: coco da Paraíba.

TRÊS COCOS: coco da Paraíba.

COCO DENDÊ, TRAPIÁ: coco da Paraíba.

ALECRIM

O TREM DE FERRO

PRÓLOGO - Chegança

Três apitos de uma barca grande no mar. Começa o samba NA RODA DANÇA DO MUNDO, tocado pelos músicos com uma cuíca, garfos, colheres, pratos, facas, raladores, etc. Numa barca grande feita com um pano vermelho comprido, entram cantando os músicos e artistas navegantes, com roupas e casacas brancas de marinheiros, capitães, mestres e almirantes, instrumentos de navegação, lunetas, mapas, baús, malas, etc. Como uma vela no meio da barca, um estandarte em branco e vermelho com os dizeres: “Teatro do Mundo – Teatro da Roda Dança – Presepadas, Música, Teatro, Dança, Quiproquós, Estripulias, Improviso e Muito Rebuliço – Bonecos e Atores de Carne e Osso – Mais Osso que Carne – O Mundo Gira e o Teatro da Roda Dança”.

Lá vem o Teatro da Roda Dança!
A barca do Teatro do Mundo vai ancorar!
Na roda dança tem criança,
Na dança de roda tem piá! *(bis)*
O Teatro do Mundo chegou nessas bandas
Com histórias de amor e folia.
Na roda dança do mundo tem samba,
Tem xote, coco, tem ciranda e cantoria! *(bis)*

O teatro é mais que espelho,
É lente de aumento, é janela.
É colocar cravo vermelho
Bonitinho na lapela
E dançar de madrugada
Com a morena mais bela. *(bis)*
O teatro é o grande livro do mundo,
O vento forte que bate na vela,
É a sorte e um ano num segundo,
Um mundo novo que se revela.
É uma grande presepada,
É a vida e o absurdo,
É rir de uma topada.
É o fato, a fita e a novela,
O mito, a lenda, o conto de fadas. *(bis)*

Terra à vista! Abaixa a vela! Olha a chegada!
Terra à vista! Atira a âncora! Olha a chegada!
O Teatro do Mundo navegou na barca grande,
Cheguei de longe, sou brincante navegante.
O mundo gira e o Teatro da Roda Dança! *(bis)*
O Teatro do Mundo não dá o pão,
Mas mata a fome com um “conto de reis”,
Dois “contos de réis” e uma canção. *(bis)*

Os NARRADORES 1 e 2, Capitão e Mestre, conduzem o prólogo com apitos e cada um com um “bastão de Molière”, bastão usado no tempo de Molière para marcar o início da peça, o começo da “função”, com três batidas no chão, referentes aos atuais três sinais/campainhas. Falam na pulsação do samba, instrumental, Todos dançam de frente para o público. A barca se prepara para ancorar em movimentos na pulsação do samba.

NARRADOR 1: Respeitável público! O Teatro do Mundo traz seu estandarte nesse palco com alegria! Levanta a bandeira, sobe o pavilhão! Hoje tem folia, rebuliço, tem teatro, presepada e confusão! Salve nossa chegada! O Teatro do Mundo! O Teatro da Roda Dança!

TODOS: *(dançando, em três tempos do samba)* Teatro da Roda Dança! Palco e rua! *(fazem um gesto)* Teatro da Roda Dança! Palco e rua! *(outro gesto)* Teatro da Roda Dança! Palco e rua!

A barca ancora, o samba cessa e todos param num gesto, compondo cenicamente uma imagem da chegada dos artistas navegantes para o público. O narrador 1 dá um apito, o samba volta, instrumental, e pontua a narração. Os atores desmontam a barca e montam a tenda dos bonecos, escondida do público por uma cortina. O estandarte é colocado na lateral do palco, onde ficam os músicos, de frente para o público.

NARRADOR 2: Somos atores, atrizes, músicos, “artistas rapsodos”, poetas ambulantes, contadores de rapsódias, cantadores de poemas épicos, brincantes navegantes! Chegamos de longe na barca grande para alegrar seus corações! *(alto e enfático)* Desliguem os celulares! Se liguem na lida da vida aqui agora já, no ato! Isso aqui é o teatro, meu povo! É o novo, é a fita, é o fato, é na hora, é no ato! Teatro celular, nucléico! Teatro molecular, epidérmico! Desliguem e apaguem as luzes azuis platinadas dos seus celulares agora...

NARRADOR 1: E entrem nas luzes e sombras da caixa de ilusões da ribalta, nos amores, batuques e violas, na vida que pulsa aqui, já, nessa hora. *(pausa; a alguém na plateia)* Ei, menina, tire o dedo do nariz! Se vai ter festa no salão, avise ao Zé Luís e ao seu João! *(o samba fecha)*

Entram pela plateia 2 CUPINS e 2 PICA-PAUS, “bonecos aéreos”, feitos nas pontas de varas de pesca, e sobrevoam o público. Começa o samba-de-roda ZUNZUM, cantado e com palmas.

(refrão)
Zunzunzum!
Zunzum eh!
Bate bico, bate bicão,
Seu olho vai comer! *(bis)*

Xô, cupim!
Xô, pica-pau!
Sai do oco do pau,
Vai pra longe de mim! *(bis)*

Diz que bicho que come madeira
Também come os olhos de quem é mau.
Homem traquina, deixa de mentira, de fazer besteira,
Não seja sonso nem santo do pau oco,
Senão na hora de cair no sono, babau!
Seus olhos são comidos pelo cupim e o pica-pau! *(bis; refrão)*

NARRADOR 1: Parem seus bicos, pica-paus! Xô, cupins! Saiam daqui, baratas, percevejos, besouros, aranhas, escorpiões e insetos deste teatro! Saiam que a poesia, o amor e a grana travarão neste palco um embate. *(os cupins e pica-paus saem pelo palco; o samba cessa)*

NARRADOR 2: *(a alguém na plateia)* E o senhor, deixe de lamentar em pensamentos da pouca grana, dos juros de mora e dos altíssimos impostos do governo!

NARRADOR 1: Respeitável público! *(volta o samba NA RODA DANÇA DO MUNDO, instrumental)* Aguardando um convite oficial para se apresentar no grande Teatro de Tegucigalpa, no Teatro Real de Salamanca, em Itaquaquecetuba, Piuim e Quixeramobim.

NARRADOR 2: Depois de temporadas com sucessos estrondosos em Juquitiba, Chapetuba, Peri-Peri, Xique-Xique e Bole-Bole.

NARRADOR 1: Cascadura, Jacarepaguá, Pirituba, Camará, Inhaúma em Olinda e Poá.

NARRADOR 2: Jabaquara, Ubá, Itacoatiara, Ponta Grossa, Baixa do Sapateiro, Birigui...

NARRADOR 1: Jericoacoara, Burity, Itaguaí, Aiuruoca, Baependi, Itapipoca, Suassuí...

NARRADOR 2: Bangu, Itaoca, Caxambu, Ibicuí, Itu, Jandira, Madureira e Araraquara.

NARRADOR 1: O famoso... *(acento musical)*

NARRADOR 2: O premiado...

NARRADOR 1: Laureado e estrelado. *(acento musical)*

NARRADOR 2: O municipal...

NARRADOR 1: Estadual, nacional...

NARRADOR 2: O internacional... (*acento musical; com o narrador 1*) Teatro do Mundo!

TODOS: (*na pulsação do samba, 3 vezes*) Teatro do Mundo! Teatro do Mundo! Teatro do Mundo! (*a música fecha, os atores param num gesto e fixam outra imagem*)

NARRADOR 1: O Teatro do Mundo tem em seu repertório, comédias! (*acento musical*)

Em movimentos lentíssimos e sincronizados, os atores fazem a máscara da comédia, dão uma cambalhota para a boca de cena, com caretas e um riso mudo, apontam para o público e ficam imóveis, com máscaras cômicas.

NARRADOR 2: Tragédias! (*acento musical*)

Os atores fazem a passagem lentamente da máscara da comédia para a máscara da tragédia, se afastam em movimentos lentos e marcados para o centro do palco num gemido breve e uníssono de dor e ficam imóveis, com máscaras trágicas.

NARRADOR 1: Melodramas!

Começa o bolero MELODRAMA, com violão e flauta. O Ator 1 e a Atriz 1 vão ao meio e suas vozes são dubladas pelo Ator 2 e a Atriz 2, sem sincronia, como nas dublagens das novelas mexicanas; ela, voz fina, ele, voz grossa. O Ator 1 usa cacófatos, pontuados por acentos musicais cômicos e colocados entre aspas e em negrito para que o ator marque a “cacofonia” das expressões. Os outros vibram como telespectadores, num bloco compacto, com gestos lentos e marcados. Nos cacófatos, os atores usam o riso aberto, sonoro, e o riso mudo, a máscara cômica.

Ana Rosa Santa Cruz Paraíso Consolação Liberdade Vergueiro Luz Santana Brás Guilhermina Esperança da Penha. São 102 capítulos e nenhum beijo. Nunca **“te tinha”** (*acento musical; risos mudos*) Visto assim tão linda como hoje. (*à parte*) Eu **“amo ela”**! (*acento musical; risos abertos; à atriz*) Você é ou não é **“uma herdeira”**? (*acento musical; risos mudos*) O autor criou um abismo entre nós no capítulo 20, **“já que tinha”** (*acento musical; risos mudos*). Me mandado pra cadeia por nada. **“Participei e dei”**... (*acento musical; risos abertos*) Tudo de mim no capítulo de ontem. Caí na lama, só te beijarei nos últimos capítulos deste drama, lá pelos **“cento e sessenta?”** (*acento musical; riso mudo*) O autor podia dar pra nós **“uma mão”**. (*acento musical; risos abertos; à parte*) Ana Rosa está perdida. **“Ela se disputa”** (*acento musical; risos mudos*) Por mim e pelos pais.

ATRIZ 1: Domingos Passos Dias Armando Nascimento Filho Valente Rico Peralta Forte Guerreiro, nosso amor é impossível. Meus pais te rejeitam e dizem que um homem sem dote não é ninguém. Vou passar fome casando com alguém sem um vintém?

ATOR 1: Não! Você, a felicidade e a vida boa, **“como as concebo”**... (*acento musical; risos mudos*) São coisas simples. A gente come feijão, jerimum e farinha. Dois comem onde um come, **“alma minha”**. (*acento musical; risos abertos*) O apreço tem preço?

Ana Rosa Santa Cruz Paraíso, florzinha de jenipapo, **“alma mais”** doce. (*acento musical; risos abertos*) Sua casa é **“cuidada pela dona Linda sua mãe”** (*acento musical; risos mudos*) Seu pai **“confisca gado”**. (*acento musical; risos mudos*) E não quer me aceitar. Se você se conformar, meu suflê de berinjela, meu amor por **“ti gela”**. (*acento musical; risos abertos*)

ATRIZ 1: Não diga isso, Domingos Passos Dias Armando Nascimento Filho.

ATOR 1: Ana Rosa, que fossa. Quero **“amá-la”**... (*acento musical; risos abertos*) Mas não posso. (*à parte*) **“Essa moça fada”**. (*acento musical; risos mudos*) Me encantou. O pai **“havia dado”**... (*acento musical; risos mudos*) Uma bronca em mim **“por ter me tido”** (*acento musical; risos mudos*) Com sua filha. (*à atriz*) Quer se casar com o tal de Romero Rico, que **“chegou a pouco de fora”**? (*acento musical; risos abertos*) Nosso amor está **“lá, onde abunda a pita e a doce flor no cume cheira”**. (*acento musical; risos abertos*)

ATRIZ 1: Se não for o casamento o nosso destino, desatino. Não aguento, morro. (*chora*)

ATOR 1: (*segura a mão dela*) **“Não pense nunca nisso”**. (*acento musical; risos mudos*) Não sei se aguento mais sessenta e tantos capítulos por um beijo. (*à parte*) No primeiro capítulo o jeito meigo que **“ela tinha”**... (*acento musical; risos mudos*) Quero muito beijar a **“boca dela”**. (*acento musical; risos abertos*) Que desejo! No centésimo capítulo, no nosso encontro na chuva, pensei que ia acontecer o beijo. Ambiente romântico, **“uma chuvinha em cima”** dela... Mas para o autor, o amor **“nunca ganha”**? (*acento musical; risos mudos; à atriz*) Sou um sujeito sem tino, sem sorte, se não te beijo e não caso contigo, Ana Rosa, **“desculpe então”**... (*acento musical; risos abertos*) Me resta mandar lembranças pra **“quem for da família”**... (*acento musical; mais risos abertos*) E ir embora. **“Vou-me já”**. (*acento musical; risos mudos*) Ou a morte!

TODOS: (*gritam em uníssono*) Não!

ATRIZ 1: (*grita*) Não! Domingos Passos Dias Armando Nascimento Filho! Seja o que Deus quiser!

Os dois se aproximam e simulam um beijo. Os atores acompanham com expressões faciais exageradas e fazem o som do beijo alto, em uníssono. Ela o pega no colo, ou vice-versa, e depois, os dois vão para junto dos outros. O bolero cessa.

NARRADOR 1: Depois da demonstração do talento melodramático do nosso elenco, temos o prazer de apresentar... (*apita e fala com o narrador 2*) Coração diamante! (*começa o xote CORAÇÃO DIAMANTE; fala na pulsação do xote*) Era uma vez...

NARRADOR 2: Era outra vez... Diz que era...

NARRADOR 1: Mais uma vez... *(alto e solene)* Em “priscas eras...”

TODOS: O quê? Onde?

NARRADOR 1: Em “priscas eras!” Antigamente, há muito tempo... Entenderam?

NARRADOR 2: A nossa história não se passa em “priscas eras”. É uma história sem tempo. Era, foi, é e será uma vez...

TODOS: *(em tempos diferentes)* Era, foi e será uma vez... Era e foi mais uma vez...

ATRIZ 2: *(grita, nervosa)* Chega! Não dá mais! Hoje eu não vou atuar! Pode parar a música e o espetáculo que hoje eu não trabalho! *(o xote cessa)* Ainda não recebi o cachê das últimas apresentações. Acabei de entrar em greve! *(cruza os braços)*

TODOS: *(cruzam os braços)* Solidariedade! O Teatro do Mundo acaba de entrar em greve!

ATOR 2: *(ao público)* Senhoras e senhores, passem na bilheteria para receber o dinheiro dos ingressos. Hoje não tem função! *(ao iluminador)* Ô seu Tibúrcio Agulhão, acende as luzes da plateia! *(as luzes acendem e todos sentam na boca de cena)*

ATRIZ 2: Greve geral! Não aguentamos mais trabalhar sem cachê e ainda comer pão com mortadela e tomar guaraná todo dia para ensaiar! *(tensão entre os atores e o público)*

NARRADOR 1: *(nervoso)* Tratem de começar a história agora!

TODOS: Greve geral do Teatro do Mundo! Não!

ATOR 2: Pode mandar o público embora que já acabou o espetáculo! *(silêncio)*

ATRIZ 2: Voltem na próxima semana que hoje não tem função. Não tem cachê, não tem espetáculo. *(expectativa; os atores encaram o público, sérios)*

NARRADOR 2: *(alterado)* Se não continuarem a apresentação, vou descontar noventa e dois por cento do cachê de cada um! *(pausa; todos levantam resmungando; a luz da plateia apaga, voltam as luzes no palco)* Respeitável público! Vamos continuar a função! *(apita; volta o xote)* O Teatro do Mundo apresenta... *(com o narrador 1)* Coração Diamante!

Os narradores abrem a cortina e aparece a tenda de bonecos, que tem na frente desenhos e pinturas dos personagens Maria, João Pedro e o general Orozimbão, e os dizeres, em letras luminosas: “O Teatro do Mundo apresenta Coração diamante – Presepada teatral em dois atos, uma chegada e uma folgança”.

NARRADOR 1: Era uma vez...

NARRADOR 2: Foi uma vez...

TODOS: Era, foi, será uma vez... (*gritam juntos, vozes distintas, interrompem*) Uma bala perdida!

O xote cessa e todos ficam imóveis. Entra o ATOR 3, ator-bala perdida, ator-objeto, vestido como uma bala grande, com uma bala pequena na mão. A trajetória do ator-bala perdida é pontuada por intervenções sonoras, numa dança coletiva com movimentos em “câmera lenta” e “câmera lentíssima”, em que a bala passa em ziguezague pelos atores, que reagem com gestos amplos, intensos e marcados, vai e volta de uma lateral a outra do palco e some. Todos se recompõem, a apresentação recomeça.

NARRADOR 2: (*aliviado*) Ufa! Toda hora é um problema! (*nervoso, aos atores e ao público*) Alguém aí entre os atores, as atrizes e a plateia têm mais alguma coisa pra falar ou pra resmungar? Posso começar a história? Depois dessa bala perdida acho que não pode acontecer mais nada. (*alto e solene*) Senhoras e senhores, vai começar a função! (*junto com o narrador 1, dá três apitos e três batidas no chão com o “bastão de Molière”; volta o xote*) Era uma vez... Numa cidade pequena... Pequenina...

NARRADOR 1: Era outra vez, nos pensamentos de uma menina, um poema.

NARRADOR 2: Era, foi e será uma vez...

TODOS: Nos pensamentos, poesia...

NARRADOR 1: No coração, amor, prosa e folia...

TODOS: Era uma vez... Maria.

Os atores saem para manipular os bonecos. Os músicos ficam na lateral do palco, onde tocam e fazem as intervenções sonoras na tessitura da intriga. A luz fecha no palco. O xote continua, instrumental, e faz a passagem do fim do prólogo para o início do primeiro ato.

PRIMEIRO ATO

A luz abre na tenda de bonecos e aparece Maria, boneco mamulengo, cabelos negros longos, com vestido claro. Ela canta o xote e os músicos cantam o bis.

MARIA:

Já não aguento mais ficar assim distante,
Viver tão longe me deixa tão maluca.
Se o meu amor é chama,
Por que você me deixa confusa
E diz que o meu coração é diamante?
Como pode um coração que ama
Não ser fogo e ser pedra bruta? *(bis; os músicos cantam o verso todo)*

(refrão)

Onde está você agora?
Não aguento mais esse sumiço.
Meu coração diamante chora.
Vamos logo, meu bem, dar um jeito nisso! *(bis)*

(fala na pulsação da música)

Meu pai quer que eu conheça um homem rico,
Mas como fazer isso se ele não é o meu tipo.
O que sei é o que o meu coração sente sem medo,
Sou a poesia viva do poeta João Pedro. *(refrão)*

Entra Inézia, empregada, mamulengo, com avental e espanador; a música continua, instrumental.

INÉZIA: Tá sonhando, Maria? Como você está cada vez mais bonita!

MARIA: Não precisa exagerar, Inézia. *(cabisbaixa)* Mas eu não estou feliz...

INÉZIA: O que acontece contigo, minha menina?

MARIA: *(num sobressalto)* Gosto muito de alguém. Ele fala coisas tão lindas! Disse que os nossos corações são como diamantes... Não quebram... Duram toda a vida... Como o amor de dois amantes. Pra vida toda... Coração diamante... *(suspira)* Que palavras mais...

INÉZIA: *(interrompe)* Se encantou pelas palavras dele? Cuidado com homem que dança bem e fala bonito. Homem cheio de ginga e cheio de prosa é um perigo. Já pensou para quantas moças ele fala as mesmas coisas "lindas"? *(a música cessa)*

MARIA: Duvido! O João nunca disse tantas palavras bonitas para mais ninguém.

INÉZIA: Isso é o que ele diz a você.

MARIA: Ah, Inézia, você me desanima falando assim.

INÉZIA: Não quero desanimar, só aconselhar. Você é como uma filha. Palavras bonitas não põem comida na mesa, minha querida Maria. O rapaz é direito? Além do mais, o seu pai...

MARIA: *(interrompe)* Não quero ouvir falar do papai. Que ideia de se meter na minha vida...

Entra Dona Ieda, mãe de Maria, mamulengo, com bunda e peitos grandes, peruca e maquiagem carregada. Acento musical para a entrada dela.

DONA IEDA: *(aflita)* Maria! Maria, o seu pai está uma fera contigo! E você, Inézia, trata de cuidar da comida.

INÉZIA: Dona Ieda, nossa menina não está feliz. *(sai)*

DONA IEDA: Não tá feliz? Quem se importa se ela está feliz ou não? Agora essa. *(imita Inézia)* “Dona Ieda, nossa menina não está feliz”. *(à filha)* Pensa que tudo gira em sua volta, minha filha? Que o mundo vai parar porque você “não está feliz”? Quem sabe melhor da sua felicidade é a sua mãe e o seu pai que te querem bem.

MARIA *(baixinho)* A “minha” felicidade não é minha.

DONA IEDA: O que disse?

MARIA: *(decidida)* Não vou, não posso e não quero conhecer ninguém que o papai...

DONA : *(interrompe, maternal)* Não pode? Não quer? Minha filha, seu pai quer o seu bem. Não queremos que seja uma infeliz. Olha, Maria, seu pai quer conversar sério contigo. *(à parte)* Essas meninas pensam que as respostas do mundo estão no coração. *(à filha)* Você não ia reclamar da vida se soubesse que no meu tempo as moças já eram prometidas desde cedo. Não tinha esse negócio de escolher quem quer conhecer para casar não. Ai de mim, se dissesse não ao meu pai quando conheci e me casei com o seu pai. Era surra de cinto de couro, no mínimo. Maria, não contrarie seu pai que isso não se faz com quem te criou e te deu tudo. Vou sair, já volto. *(sai balançando o traseiro; acento musical para a saída dela)*

A luz cai na tenda e um foco de luz abre na tela translúcida no fundo da janela da tenda, onde aparecem as silhuetas, bonecos de sombras coloridas, de três RAPAZES, que são representações dos pensamentos de Maria. Os rapazes cantam com Maria e dançam a cantiga de roda FORMOSA, sem acompanhamento de instrumentos.

RAPAZES: *(cantam)*

Maria, morena tão formosa e tão bela!

Com quem a linda flor quer casar?

Se é com o moço formoso que a trate como donzela

Ou com o senhor general, general, general? *(bis)*

MARIA: *(canta)*

Meus olhos brilham como a estrela de Belém!

Eu quero me casar, meu coração já sabe com quem! *(bis)*

Corte e deslocamento da cena: somem as silhuetas, a luz abre no palco e os rapazes aparecem como atores, cantam e falam para Maria na tenda, como mamulengo.

RAPAZES: *(cantam)*

Casa comigo, formosa, eu sou seu bem!

Casa comigo, formosa, que eu te quero bem! *(bis)*

RAPAZ 1: *(fala)* Eu te dou casa, comida e roupa lavada.

RAPAZ 2: *(fala)* Eu te dou vestidos, joias e perfumes.

RAPAZ 3: *(fala)* E eu te dou amor e o meu nome.

RAPAZ 1: Pense no conforto de uma casinha na beira da estrada.

RAPAZ 2: Na felicidade e no luxo sem nenhum queixume.

RAPAZ 3: Pense que nunca mais vai passar fome.

RAPAZES; *(falam juntos)* Te damos o mundo e mais nada!

MARIA *(canta)*

Meu coração vazio guarda um segredo.

A angústia é grande,

Se pudesse decidir por mim, sem medo,

Daria meu coração para João Pedro,

Aquele moço bonito e galante.

Corte: a luz some na tenda e Maria aparece no palco como atriz. A música muda e os rapazes cantam, batem palmas, pés, dão umbigadas e dançam com Maria o coco IAIÁ, MEU LENÇO.

RAPAZES: *(cantam o refrão)*
Olha a rosa amarela – Rosa!
Tão bonita e tão bela – Rosa! *(bis)*

laiá, meu lenço – Oh laiá,
Pra me enxugar – Oh laiá,
Essa despedida – Oh laiá,
Que me faz chorar! *(bis; refrão)*

Quem me dera eu morar *(na beira-mar)*
Na beirinha do mar, *(na beira-mar)*
Pra comer tainha, *(na beirinha do mar)*
Peixe bom é “pirá”. *(bis; refrão)*

Os rapazes saem cantando e acenando lenços. A música some. Maria sai cantarolando e aparece como boneco, na tenda. Corte: a luz fecha no palco e abre na tenda.

MARIA: *(cantarola)*
laiá, meu lenço – Oh laiá,... Pra me enxugar... Essa despedida...

VOZ: *(interrompe, de fora)* Maria!

MARIA: *(anda de um lado ao outro)* Quem me chama?

VOZ: Maria! Aparece!

MARIA: *(agitada)* Aqui!

JOÃO: *(mamulengo; entra afobado)* Maria! Que saudade! Você não responde minhas cartas? Não diz qualquer palavra. Um sinal seu seria minha felicidade. *(dá um tremelique e tenta abraçá-la)* Não aguento de tanta vontade de te dar um chameguinho... Um chamego só, minha florzinha, meu “jerimum frito”... *(se exalta)* Um “cheirinho no cangote”...

MARIA: *(foge dele)* Não pode entrar em casa assim, João! Meu pai pode criar confusão. Vai embora antes que ele apareça. Não quero que nada de mal te aconteça.

JOÃO: *(afrito)* Não me quer mais? Tudo acabou? Pra você tanto faz? E o nosso amor? E nós dois? *(sedutor)* Só um chameguinho, um cheirinho, um “funga funga no fuá”, “picolézinha de batata doce”... *(começa a canção romântica QUERER, instrumental)*

MARIA: *(ri)* Não, João. Eu não posso... Eu quero... Mas eu vou... *(vacilante)* Eu estou...

JOÃO: Vai o quê, Maria? *(tenta abraçá-la)* Vai é dançar comigo um xote... Vamos “xaxá”.

MARIA: *(foge dele)* Eu vou... Meu pai quer que eu... *(chora; a música cresce)*

: Seu pai quer o quê? *(sons de passos fortes)* E você, o que quer? *(doce)* Maria, rosa amarela, tão formosa e tão bela rosa. Diz se você me quer ou não e eu vou embora agora. *(se aproxima dela)* Um beijinho só, “picolé de gabirola”.

MARIA *(vacila, nervosa)* Eu quero... Não quero... Não posso querer... Amo... Quero você... *(suspira e cai nos braços dele)*

JOÃO: *(dá um beijinho rápido nela; dá um tremelique)* Ai, ai, ai, Mariazinha, minha “fulô”.

MARIA: *(dá um tremelique; o abraça forte, refaz-se, se solta dos braços dele)* Mas não posso querer. *(passos próximos)*

JOÃO: Não pode? Como é isso, “fulozinha”?

MARIA: Vai embora agora, João!

JOÃO: Agora eu é que não posso querer ir embora... *(abraça e dá outro beijo nela)* Ai, ai, ai...

MARIA: Ai, meu Deusinho do céu, meu pai já está no portão. *(som do portão)*

JOÃO: Só vou se tiver a sua promessa... E só mais um beijinho. *(passos mais próximos)*

MARIA: Agora não, João. Não posso prometer nada. *(som de porta abrindo)* Ai, meu Jesus, o meu pai já vem.

JOÃO: Eu volto pra te buscar, Maria. *(se beijam na boca, rápido, ele dá um tremelique e sai apavorado, fazendo barulho; a música some)*

MARIA: *(chora)* João... *(entra o pai; mamulengo)*

SR. ALCEBÍADES: *(nervoso)* Que barulho é esse? Estava falando com quem? Está chorando por quê? *(procura, furioso)* Se aquele poeta vagabundo veio aqui, arranco o “couro” dele. Já falei que não quero te ver conversando com esse vagabundo. Ele esteve aqui? Vamos, diga! O tal João esteve aqui? Sinto o cheiro fedido daquele insolente no ar.

MARIA: *(chorosa)* Não, pai, ninguém esteve aqui.

ALCEBÍADES: (*impaciente*) É um ninguém mesmo! Não fica bem você conversar com esse João ninguém. É um pulha! O danado não tem condições de se sustentar, que dirá te dar um futuro. Como um ninguém vai te fazer ser alguém? Por que não entende isso, minha filha? (*pausa; suspira*) A situação não é fácil. As nossas economias...

MARIA: (*interrompe*) Ih, pai, já vem o senhor falar das “nossas economias”. Não aguento mais ouvir isso. “Nossas economias”. Não dá nem bom dia. “A situação não é fácil”. (*sai reclamando*) Não suporto essa ladainha... Todo dia a mesma coisa, toda hora.

ALCEBÍADES: (*grita*) Volta aqui! Não suporta? Ladainha? Essa menina não me obedece mais!

DONA IEDA: (*entra afobada*) Que gritaria é essa, homem?

ALCEBÍADES: (*nervoso*) Não consigo falar com Maria sobre “aquele” assunto.

DONA IEDA: Ah, sei, “aquele” assunto? Calma, Alcebíades, uma hora ela te ouve.

ALCEBÍADES: Ouve? Mas vive sempre escapulindo, parece peixe, que a gente não consegue segurar. Ela diz que não dou nem bom dia. Pois é o que sempre faço e ela nem me responde. Já nem pede mais bênção, como fazia desde pequeninha. Tenho certeza que o tal de João, o pulha pobretão... Onde já se viu uma filha não conversar mais com o seu pai?

DONA IEDA: Calma, Alcebíades. Tenha paciência com a menina.

ALCEBÍADES: Paciência, Ieda? Haja paciência!

DONA IEDA: “Aquele” assunto eu pensei bem, pensei, pensei... É bom mesmo pra ela? Não vejo nada de mal uma visita só para a gente conhecer o tal. (*sai rebolando*)

ALCEBÍADES: É, também não vejo problema, mas como dizer isso a ela? (*decidido*) Maria agora vai me ouvir. (*sai atrás dela; corte: a luz fecha na tenda e abre no palco; volta, como ator, murmura baixinho e esfrega as mãos*) Não, calma, não é hora. Não sei como andam as finanças do tal, se continua dono de fazendas... (*batidas na porta, abre a porta e entra seu Barbosa, ator com boneco marote*)

SEU BARBOSA: (*agitado*) Senhor Alcebíades, bom dia!

ALCEBÍADES: Olá, seu Barbosa. Aceita um café?

BARBOSA: Não quero café. Vim para dizer que as contas da mercearia não foram pagas. Preciso de dinheiro em caixa para refazer o estoque. Assim não dá, Alcebíades!

ALCEBÍADES: Pode ficar tranquilo, pagarei tudo. Tenha paciência, seu Barbosa.

BARBOSA: *(nervoso)* Paciência? O senhor disse a mesma coisa o mês passado. *(firme)* Assim não dá. O senhor tem que pagar, senão corto o crédito na mercearia. Com dinheiro não se brinca. Dívida acumulada é uma bola de neve, se não liquidar logo, é juro sobre juro e aí se descontrola. Quando a comida faltar à mesa para a família, aí vai acordar. Acabou o crédito, esquece as compras da sua mulher e da empregada anotadas no caderninho para pagar no mês seguinte. Cliente que não honra dívida... É calote? Três meses sem pagar as despesas. Vai ou não vai acertar as contas atrasadas, Alcebiádes?

ALCEBÍADES: *(baixinho)* Calote? Não. Calma, claro que vou pagar, seu Barbosa...

BARBOSA: *(interrompe, nervoso)* Está com cheiro de calote... *(saindo)* Que perda de tempo cobrar dívida de caloteiro. Ainda me pede calma.

ALCEBÍADES: Três meses na mercearia... A situação não tá fácil. Preciso arranjar um jeito de... *(entra o Dr. Miranda, advogado; ator com boneco marote)*
Dr. MIRANDA *(afobado)* – Seu Alcebiádes, vou dizer logo sem delongas e “mumunhas”: o senhor será acionado judicialmente pelos credores, *data vênia*, palavra de advogado.

ALCEBÍADES: *(nervoso)* O quê, doutor Miranda? Ai, meu Deus! Do que você está falando?

MIRANDA: O seu Farah e o seu Bergman vêm aqui hoje para cobrar as dívidas e avisá-lo pessoalmente que já deram andamento aos trâmites judiciais para uma ação contra o senhor por calote das dívidas com a loja de roupas e o banco.

LACEBÍADES: *(agitado)* Outro calote? Ai, meu Deus do céu!

MIRANDA: *(pausa)* Só há um jeito, Alcebiádes, a conversa. *(misterioso)* O diálogo é a alma de tudo. Ninguém resiste a uma boa conversa.

ALCEBÍADES: Tá bom. Deixa de conversa fiada e diz logo o que eu faço.

MIRANDA: *(rindo)* Fácil, Alcebiádes. Empenha alguma joia da sua mulher no banco, paga partes das dívidas, enrola o banco e a loja na conversa e deixa o tempo se encarregar da solução. *(muda de tom)* É um sujeito “sortudo”.

ALCEBÍADES: Como sou “sortudo” se estou nessa penúria? O aperto tá demais.

: Isso porque não sabe a “mina de ouro” que tem em casa.

ALCEBÍADES: Mina de ouro? Em casa?

MIRANDA: Isso mesmo! Uma mina de ouro!

ALCEBÍADES: *(rindo)* Mina de ouro? Dentro de casa?

MIRANDA: Isso! Uma mina de ouro na sua própria casa. Entendeu? A “mina” é de ouro...

ALCEBÍADES: Não! *(pausa)* Ah, então você está falando...

MIRANDA: *(eufórico)* Sim! Da sua... Formosura.

ALCEBÍADES: *(exasperado)* A minha menina? Mina de ouro?

MIRANDA: Menina de ouro...

ALCEBÍADES: *(nervoso)* Como pode pensar que eu... *(pausa; à parte, vacilante, baixinho)* Casaria a filha para pagar as dívidas...

MIRANDA: Candidatos não faltam. Eu mesmo pago cada centavo da dívida e nem cobro meus honorários, fica na conta dos amigos do peito como o senhor.

ALCEBÍADES: *(interrompe, irritado)* Queira se retirar. Aqui não é balcão de negócios! *(empurra-o pra fora)* Vamos, Dr. Miranda, antes que me aborreça! Até logo e passe bem!

MIRANDA: *(saindo)* Mas Alcebíades... A menina... A mina de ouro... A “mina” é de ouro...

ALCEBÍADES: Que conversa fiada! *(alterado)* Dr. Miranda com essas ideias de “mina de ouro”, “menina de ouro”. Que petulância! *(pausa; pensa alto)* Como convencer... *(palmas do lado de fora; grita)* Entra! *(entram seu Farah, o dono da loja de roupas, e seu Bergman, o banqueiro, atores com bonecos marotes)*

FARAH: *(agitado)* Dever e não pagar é uma vergonha. Só de vestido da sua mulher é uma fortuna. E os sapatos? Todo dia é uma despesa alta. Sua esposa leva a mercadoria e diz... *(imita Dona Ieda)* “Seu Farah, queira, por favor, colocar na conta do meu marido, o senhor Alcebíades”. Os tecidos são caros. E o estoque? Sem dinheiro não tem mercadoria nova. Já é muito imposto na mercadoria. Ou paga ou...

BERGMAN: *(interrompe)* Os bancos não vivem nem sobrevivem sem capital! Os empréstimos venceram e nem aparece no banco. Pensa que dinheiro vem de onde? Tem juros sobre juros em cada centavo emprestado. Se o senhor não paga a dívida nem paga os juros da dívida, como movimento o meu capital? *(nervoso)* “Os juros são o perfume do capital”, seu Alcebíades, como dizia o Barão de Itararé. Mas dessa vez não tem escapatória. Viemos informar que já encaminhamos os papéis para uma ação judicial. É calote?

ALCEBÍADES: *(tenta acalmá-lo)* Não! Juro que pago tudo, seu Bergman. Vamos com calma, amigos! *(pausa; num rompante, eufórico)* Como dizer pra vocês? Devo dizer sim, afinal, os senhores são da minha total confiança. Olha, estou com novo empreendimento que falta apenas a assinatura, quer dizer, um consentimento. *(com ênfase)* Uma “mina de ouro!” *(os três se olham)* Já está tudo encaminhado. Negócio garantido!

FARAH: *(deslumbrado)* Mina de ouro?

BERGMAN: *(extasiado)* Mina de ouro?

ALCEBÍADES: *(num transporte)* Sim, amigos, uma verdadeira “menina de ouro”, quer dizer, uma mina de ouro que vai render muitos lucros e dividendos! *(sussurra)* Ainda não falei isso para ninguém para não atrapalhar as negociações e coisa e tal. Vocês sabem como são os negócios, não é mesmo? “O segredo é a alma do negócio”. *(os três riem)* Perdão, amigos, mas tenho um assunto importante pra resolver sobre a tal “mina de ouro”. *(conduz os dois para fora)* Pensem bem, amigos, a “mina de ouro”.

FARAH: *(esfrega as mãos)* A mina... Isso mesmo, seu Alcebíades. Se quiser sociedade... Olha, diante do novo fato do “segredo” da “mina de ouro”, vamos deixar pra lá a ação judicial. Se o negócio é garantido...

ALCEBÍADES: *(baixinho aos dois)* Garantido, mas ainda é segredo. O negócio é tão bom e lucrativo que é melhor manter silêncio para não agourar. Bico calado, seu Farah e seu Bergman, bico calado.

BERGMAN: *(com os olhos vidrados, ri)* Bico selado... “O segredo é o negócio”. “O negócio é o segredo da alma”. Isso mesmo, sem ação. Conte comigo para sócio na “mina de ouro”, Alcebíades. Mande notícias do negócio, não se esqueça. *(os dois saem rindo)*

ALCEBÍADES: *(ri)* Sim, mandarei notícias. A mina é de ouro... Até logo, senhores. Consegui me livrar dos dois idiotas na conversa, mas até quando? *(agitado)* Preciso falar com Maria. *(grita)* Maria! Inézia! Ieda! Não tem ninguém nessa casa? Maria!

MARIA: *(entra, como atriz)* Me chamou, papai?

ALCEBÍADES: Chamei sim. *(sorri)* Como está cada vez mais linda! Lembra da linda festa dos seus quinze anos, minha filha? Não foi linda a sua festa de quinze anos?

MARIA: Foi, pai. Foi linda sim, mas...

ALCEBÍADES: *(interrompe, alterado)* Como assim, “foi linda, mas”? Sempre tem um “mas”... Tudo que faço tem um senão. Coloco no melhor colégio, compro roupas. O que você quer mais? Vamos, diga!

MARIA: Já tomei uma decisão, pai.

ALCEBÍADES: *(nervoso)* Já tomou uma decisão? Quem disse que tem o direito de tomar decisão? De decidir alguma coisa? Sou seu pai e sou eu quem decide o que é bom pra você!

MARIA: *(afrita)* Mas papai, eu já sei...

ALCEBÍADES: *(interrompe, furioso)* Sabe o quê? Você não sabe nada! Vai obedecer ao seu pai senão te mando pro colégio interno e aí eu quero ver.

MARIA: *(chora)* Não, papai!

ALCEBÍADES: Não quer ir pro internato, quer? Se quiser, mando agora! *(pausa; decidido)* Vou falar uma coisa que vai ter que ouvir. O general Orozimbão... *(acento musical)* Um amigo que ficou viúvo tão cedo, vem aqui em casa e quero que você o conheça e o receba bem.

MARIA: *(nervosa)* Não vou conversar com ninguém!

ALCEBÍADES: Não vai? Ah, quero ver se vai ou não vai conversar!

MARIA: General Orozimbão? *(acento musical)* Nunca vi esse homem e o senhor quer que eu o conheça pra quê?

ALCEBÍADES: *(furioso)* Não interessa!

MARIA: Como não interessa? É a minha vida!

ALCEBÍADES: Ainda não é a sua vida! Você tem pai e mãe! Tá decidido! O general vem aqui e trate de ser educada com ele. Ou obedece ou vai pro colégio interno. Trate de colocar o seu melhor vestido e deixe o resto comigo. *(sai, agitado)*

MARIA: *(chora)* Como pode o meu próprio pai fazer isso comigo? *(volta o xote CORAÇÃO DIAMANTE, instrumental; murmura para si)* Preciso falar com João. *(corte: atriz sai, a luz abre na tenda e a personagem muda para mamulengo)* Não tenho saída. O internato vai me deixar louca. João, vou te esperar... Ao menos uma despedida. *(chora)*

A luz continua em Maria na tenda. O xote cessa. Entra o MOÇO DO CHAPÉU, ator com roupas escuras e o rosto semiescondido pelo chapéu, tocando no violão a BALADA DO ABANDONO, canção cigana, lenta e dramática. Ele senta na escada lateral da tenda e canta.

Alguém sabe dizer por que
Quem ama sempre espera?
Amo, porque espero você.

É fato ou é fita?
O que pode ser?
O amor é só uma palavra
E como palavra bem dita
É uma palavra tão bela,
Mas que pode ser nada
A quem o amor não se revela. *(bis)*

(fala quase canto, "canto fala
O tempo passa e o amor aumenta enquanto te espero.
Eu fico triste e quase morro nesse abandono.
A vida é sem graça sem seus olhos e o que mais quero
É adormecer e te encontrar nos sonhos. *(bis)*

(canta)
Alguém sabe dizer por que
Quem ama sempre espera?
Amo, porque espero você.
É a vida ou é quimera? *(bis)*

Maria sai chorando. Corte: a luz fecha na tenda e abre no palco. A música continua, instrumental. Três Rapazes trazem uma mesa, garrafas e copos e colocam na parede uma placa com os dizeres "Pensão Dom Bosco". Carvalho arruma a mesa, os rapazes sentam e bebem, com movimentos na pulsação da música. Entram João, Tadeu e Santiago e os três rapazes levantam, encaram os três e todos sentam, ao mesmo tempo. De fora se ouvem gritos. A música cessa e todos levantam.

VOZES: *(de fora)* O grande herói! É ele! O generalíssimo Orozimbão! *(acento musical)*

Alvorço na pensão. O Moço do Chapéu retoma a música, instrumental, ora lenta, ora acelerada, pontuando as ações. Entra o general Orozimbão, ator, numa cadeira com rodinhas empurrada pelos filhos, atores, Orozimbucho, pequeno e gorducho, mais novo, e Orozimbino, alto e magro, mais velho. O general veste um fardão militar com medalhas, traz um porrete, usa peruca e sua barriga é grande, assim como o nariz e as orelhas. Os filhos estão vestidos como o pai, com um porrete cada um, a composição cênica dos três é grotesca. Os movimentos da entrada do general, com passos lentos e marcados, são sincronizados com os movimentos dos outros na pensão, como uma dança coletiva em câmera lenta, com pausas e paradas, em que cada passo do general tem como reação um movimento dos atores em conjunto. O general para a cadeira no meio do palco e solta um "traque" (peido, "pum") barulhento. Todos fazem caras de nojo. O general senta, solta outro "traque", todos reagem e sentam, juntos. A música cessa.

OROZIMBÃO: *(levanta o porrete)* Cadê o dono da espelunca?

CARVALHO: *(treme)* Carvalho, o dono da pensão, ao seu dispor. O senhor generalíssimo deseja alguma coisa?

OROZIMBÃO: Claro que desejo! Um homem entra numa pensão para quê?

CARVALHO: Pra comer, dormir, pousar...

OROZIMBÃO: O senhor acha que eu ia dormir numa barafunda dessas? O senhor devia reformar essa espelunca. Eu compro essa cabeça de porco! Quanto quer?

OROZIMBUCHO: *(com a mão no bolso)* Quanto quer pelo pardieiro?

OROZIMBINHO: Quanto quer pelo chiqueiro?

CARVALHO: *(sem jeito)* A minha pensão não pode ser vendida.

OROZIMBÃO: *(levanta; todos levantam, juntos; furioso)* Não há coisa que não possa ser comprada pelo general Orozimbão! *(acento musical)* Eu compro tudo. Quanto deve valer a sua pensão mixuruca? *(senta e todos fazem o mesmo em seguida, juntos)*

OROZIMBUCHO: *(rindo)* Acho que qualquer pangaré vale mais que a pensão.

OROZIMBINHO: Eu dou o meu cachorro pela pensão.

CARVALHO: *(triste)* É herança de família. Tem valor sentimental. Aqui criei meus filhos. Depois que foram embora, fiz a pensão. Muita gente passa pela cidade e pousa aqui. A comida é boa, tem banho quente e cama. O senhor não vai querer comprar a única coisa que me dá felicidade, a minha pensãozinha, não é generalíssimo?

OROZIMBÃO: Tenho dinheiro para comprar sua alma. *(muda de tom)* Deixa de conversa e me serve alguma coisa. Preciso comemorar. *(ri com os filhos; Carvalho traz uma garrafa e copos, serve o general e os filhos; alto)* Vamos brindar pra que minha missão na cidade seja bem sucedida. *(brindam e bebem; estala os lábios)* Que boa bebida! Amanhã fecharei um grande negócio. *(levanta; solene)* Vou conversar com o pai de uma donzela formosa.

OROZIMBUCHO: *(animado)* A mais formosa da cidade.

OROZIMBINHO: *(alto)* A flor mais linda da cidade.

OROZIMBUCHO: Um botão em flor!

OROZIMBINHO: Uma flor em botão!

OROZIMBUCHO: Uma menina de ouro!

OROZIMBINHO: Um estouro de menina!

OROZIMBUCHO: Uma mina de ouro!

OROZIMBINHO: Um tesouro de menina!

OROZIMBÃO: *(firme)* Amanhã vou comprar... Não. Vou pedir a mão de Maria.

O Moço do Chapéu volta a tocar a música, agora em ritmo de tango, marcando a movimentação dos atores. João levanta e vai pra cima do general, mas é contido pelos amigos. No meio do palco forma-se um meio círculo. De um lado, João, os amigos e os três rapazes, de outro, o general e os dois filhos. No meio, Carvalho tenta apaziguar.

OROZIMBÃO: *(ameaça)* Quem é o insolente que ousa me enfrentar? Conhece Maria?

JOÃO: Conheço e ela não pode casar e ser de mais ninguém.

OROZIMBÃO: *(furioso)* Não pode casar nem ser de ninguém? Pois será! Vim comprar, ou melhor, vim conversar com o pai. Se ele consentir, amanhã mesmo é o casamento. Estão todos convidados para a grande festa. *(dá uma porretada na mesa, todos calam)*

JOÃO: *(furioso, contido pelos amigos)* O senhor não tem...

OROZIMBUCHO: *(interrompe)* Não tem o quê, moleque?

JOÃO: Não tem o direito de fazer...

OROZIMBÃO: *(levanta o porrete, interrompe)* Direito de fazer o quê? O rapazola valente quer apanhar? Quer levar uma porretada, rapazote que mais parece uma "lombriga"?

OROZIMBINHO: *(com o porrete)* Quer apanhar para aprender? *(João recua)*

CARVALHO: *(intervindo)* Vamos parar de briga aqui na minha pensão!

OROZIMBÃO: *(alto)* Amanhã ou depois tem festa de casamento na cidade! *(senta)* Vamos embora desse pardieiro. Preciso ver amanhã o pai dela e preparar o matrimônio. *(ri alto)* Menina de ouro... Florzinha em botão... Botãozinho em flor...

O general sai na cadeira, empurrado pelos filhos. Ao sair, ele para três vezes, em cada parada o general ri alto e solta um "traque" estrepitoso, ao que os outros reagem com nojo. A música cessa depois do último "traque". Alguns saem atrás do general. A luz cai e o Moço do Chapéu volta a tocar a canção cigana, instrumental. Carvalho e os

rapazes desmontam o cenário da pensão, tiram a placa e saem com a mesa, copos e garrafas. João, Tadeu e Santiago ficam.

JOÃO: *(triste)* Não acredito. A Maria não faria isso comigo. Que cabra esquisito...

TADEU: Não é ela, João, é o pai. Sujeito que vive pro dinheiro.

SANTIAGO: Acho melhor ir embora, João.

JOÃO: Andar pela noite sem o beijo do meu bem. Devia arrebentar aquele general.

SANTIAGO: Não pensa bobagem.

JOÃO: *(nervoso)* Bobagem? Deixar Maria casar com aquele... Viram quanto barulho?

TADEU: *(rindo)* Já pensou o “traque-traque” a noite inteira?

SANTIAGO: A cama não vai aguentar com os dois e tanta “peidação”. *(ri)*

JOÃO: O que Maria pensa? *(alterado)* Casamento dela com o “traqueiro”? Ah, não vai acontecer! Sinto que até amanhã tudo muda. *(cantarola)* Vem lua, traz o brilho dos olhos da minha amada. Vem lua, farei com seu coração pulseiras, colares, anéis e brincos de prata.

Os três saem. A luz fecha no palco e abre sobre o Moço do Chapéu, que toca e canta a BALADA DO ABANDONO em pé, num canto, e faz a passagem para o próximo ato.

Alguém sabe dizer por que
Quem ama sempre espera?
Amo, porque espero você.
É a vida ou é quimera? *(bis)*

É fato ou é fita?
O que pode ser?
O amor é só uma palavra
E como palavra bem dita
É uma palavra tão bela,
Mas que pode ser nada
A quem o amor não se revela. *(bis)*

(fala quase canto)

O tempo passa e o amor aumenta enquanto te espero
Eu fico triste e quase morro nesse abandono.
A vida não tem graça sem seus olhos e o que mais quero
É adormecer e te encontrar nos sonhos. *(bis)*

FIM DO PRIMEIRO ATO

SEGUNDO ATO

Um galo canta distante. Sons do amanhecer se misturam ao canto e ao violão do Moço do Chapéu, que sai e a música some aos poucos. A luz abre na tenda e entra Inézia, mamulengo, com uma vassoura, cantando e dançando o coco TRÊS COCOS, acompanhada pelos músicos com pandeiro e ganzá.

INÉZIA:

Três coco, “siricóia” miudinha – laiá! *(rebola com a vassoura)*

Três coco, “siricóia miúdá”. *(dá uma umbigada)*

Três coco, “siricóia” miudinha – laiá! *(rebola)*

Três coco, “siricóia miúdá”. *(umbigada)*

Passe pra aqui, passe pra ali,

Passe pro canto. *(rebola)*

Que eu daqui não me levanto,

Morro doido de “apanhá”. *(umbigada)*

Passe pra aqui, passe pra ali,

Passe pro canto,

Que eu daqui não me levanto,

Quantas tapa “qué levá”?

Que eu daqui não me levanto,

Morro de tanto “trabalhá”! *(rebola e brinca)*

DONA IEDA: *(mamulengo; entra com rolos no cabelo)* Inézia! Vamos parar de rebolar e dar umbigada! É o dia todo dançando coco, sambando e cantando, meu Deus! *(o ganzá e o pandeiro param)* Arruma a casa direitinho que hoje vamos ter uma visita muito importante!

INÉZIA: Visita importante é?

DONA IEDA: Muito importante! O nosso futuro está nessa visita.

INÉZIA: Ih, já vi que o negócio é sério. Algum ministro? Senador? Ou deputado? Juiz?

DONA: *(firme, empina a bunda e ajeita os seios)* Um general, Inézia! General!

INÉZIA: Nossa, dona leda, um general?

DONA IEDA: General! É isso mesmo que ouviu. Agora arruma a casa, vamos! Não se esquece de fazer uma boa comida. O general Orozimbão... *(acento musical)* É um bom prato.

INÉZIA: *(assustada)* General o quê? Oro o quê? Bimbão? Orobimbão? *(acento musical cômico)*

: Zimbão, Inézia, Orozimbão! *(acento musical)*

INÉZIA: Como pode alguém ter um nome assim tão... Orozimbão. *(acento musical)*

IEDA: E você? Inézia! O general é um homem importante e não me faça bobagem, pelo amor de Deus. Já pensou se o general te vê rebolando com a vassoura e dando umbigada pela casa, Inézia? Nada de sambada de coco hoje, hein! *(agitada)* Vou trocar de roupa, arrumar o cabelo e já volto! *(sai rindo, frenética)* Ai, ai, um general em minha casa.

INÉZIA: General Oro... Bimbão. *(silêncio)* Oro...

IEDA: *(grita de fora, histérica)* General Orozimbão! *(acento musical)*

INÉZIA: Ih, hoje o “couro come”, a casa pega fogo e ninguém vê!

Os músicos, com pandeiro e ganzá, tocam COCO DENDÊ, TRAPIÁ. Ela sai dançando. Corte: a luz some na tenda e abre no palco. Inézia volta, como atriz, cantando e dançando.

Coco dendê, trapiá,
Fai' um jeitinh' d'imbolá! *(bis)*
Imbola pai,
Imbola mãe, imbola filha *(rebola)*,
Eu também sô da família,
Eu também quero imbolá. *(dá uma umbigada; bis)*

Papai, cadê Maria?
Maria foi passear.
O passeio de Maria
Faz papai e mamãe chorar. *(bis)*

Maria, como atriz, entra com uma pequena mala, vestida para sair, e a música cessa.

INÉZIA: *(assustada)* Pra onde vai com a mala, menina?

MARIA: *(decidida)* Vou embora antes que o papai acorde.

INÉZIA: Não faz isso! Seu pai não vai gostar. *(pega a mala e esconde)* Não vai a lugar nenhum.

MARIA: *(triste)* Então o que eu faço, Inézia?

INÉZIA: *(doce)* Numa hora dessas não se pode fazer nada. Você é uma menina.

MARIA: *(sonhadora)* Ai, saudade da nossa música... O coração dia... *(entra o pai, ator)*

ALCEBÍADES: *(afobado)* Hoje é o dia, minha filha.

MARIA: *(assustada)* Dia de quê?

ALCEBÍADES: Então você esqueceu? *(alto e firme)* Hoje vamos receber a visita do generalíssimo Orozimbão. *(acento musical)* Nossos problemas acabam hoje.

MARIA: Hoje? Como assim? Acabam hoje? Que problemas?

ALCEBÍADES: Quanta pergunta, Maria. O homem é decente e muito bem de vida. *(pausa; devagar)* Ele vem aqui hoje especialmente pra te conhecer. *(à parte, num ato falho)* Minha “mina de ouro...” *(à filha, rindo, eufórico)* Minha “filha que adoro”.

MARIA: *(atônita)* Me conhecer? Não pode ser, papai. Eu posso escolher se quero ou não quero conhecer esse tal de general Oro... *(vacila)* Zimbão? *(acento musical)*

ALCEBÍADES: Orozimbão! O quê? *(acento musical; rindo)* Mais um motivo pra conhecer o general. Se nunca o viu, então vai ver agora. Hoje. Agorinha mesmo. Ele já deve estar a caminho.

MARIA: *(chora)* Por quê, papai, faz isso com a sua filha?

ALCEBÍADES: *(paternal)* Fazer o que? Mas é a sua felicidade, Maria. Tudo na vida depende da oportunidade. Vai conhecer o homem mais afortunado dessas bandas. Tem muita mocinha na cidade que não perderia uma oportunidade dessas por nada nesse mundo. Hoje é o dia da minha... Quer dizer, o dia da sua oportunidade.

MARIA: Minha oportunidade? O senhor não pode fazer isso comigo!

ALCEBÍADES: O que estou fazendo demais? Tem algum problema conhecer um homem com a permissão do seu próprio pai? *(se aproxima e a abraça)* Minha filha, você vai apenas conhecer. Não vai acontecer mais nada. Eu prometo.

MARIA: *(chorosa)* O senhor promete que se não gostar dele eu...

ALCEBÍADES: *(interrompe)* Não tem como não gostar dele. Se por um acaso acontecer isso... *(pausa)* Você faz o que quiser.

MARIA: *(beija-o)* Papai! Sabia que não ia fazer isso. Se não gostar, faço o que quiser?

ALCEBÍADES: Sim, minha filha que adoro. O que quiser. *(muda de tom)* Toma juízo agora e mostra ao general Orozimbão... *(acento musical)* Que é uma menina prendada e educada. *(sai, rindo e esfregando as mãos; baixinho, à parte)* Hoje acerto a minha vida. *(volta o xote CORAÇÃO DIAMANTE, instrumental)*

MARIA: *(suspira)* O mundo se abre pra mim. *(sai dançando e cantarolando)*

Corte: a luz fecha no palco e abre na tenda, onde aparece Maria, como mamulengo. Entram Fátima, Inês e Cristina, amigas de Maria, também mamulengos. A música termina.

FÁTIMA: (*agitada*) Maria! A cidade inteira já sabe!

INÊS: (*eufórica*) É o assunto na igreja, na praça.

CRISTINA: (*rindo*) Estamos felizes por você! (*muda de tom*) Mas o que houve? Você não parece gostar de nada disso.

MARIA: Do que estão falando? Todo mundo sabe da minha vida e eu não sei nada. (*nervosa*) A cidade inteira já sabe o quê?

INÊS: Você não sabe de nada?

FÁTIMA: (*séria*) Então não sabe que vai casar amanhã?

MARIA: (*assustada*) Casar? Quem? Eu? (*ri*) Será que o João conversou com o papai? Então foi isso! Ele conversou e espalhou na cidade que vamos casar amanhã?

CRISTINA: Quem? João? Ninguém sabe disso não!

INÊS: O que todo mundo sabe é que você vai casar com um tal de... Como é mesmo o nome? General Oro... Timbão. (*silêncio*)

FÁTIMA: Oro... Bimbão.

CRISTINA: Orozimbão (*acento musical*)

MARIA: (*grita*) Não! Não é verdade!

FÁTIMA: (*acalmado-a*) Não adianta ficar nervosa agora. Todo mundo pensa que você quer esse casamento. (*as outras a consolam*)

MARIA: (*chorosa*) Nunca vi esse homem! O papai me disse agorinha mesmo que ele vem aqui só pra me conhecer, mas daí a se casar amanhã? (*nervosa*) Traição!

INÊS: Mas ele não é rico?

CRISTINA: Pode te dar conforto.

MARIA: E daí se ele é rico?

FÁTIMA: É isso mesmo. A Maria tem razão. Casar com um homem que nunca viu? Não é porque é rico que o homem é bom. Minha mãe disse que todo homem nasce bondoso, mas é a vida que o torna malvado. Sabe lá o que ele já fez por aí? É um general e deve ser muito mais velho que você.

INÊS: É mesmo. Deve ser um caco de homem. Se nunca viu fica difícil aceitar assim. Sem nem saber o perfume? E se o sujeito for fedido?

CRISTINA: Casar só porque ele é rico? E se é daqueles que roncam a noite inteira? *(interrompe; ouvem-se passos fortes)*

MARIA: *(aflita)* Alguém precisa avisar ao João.

Corte: a luz some na tenda e abre no palco. Os bonecos saem e as personagens voltam no palco, agora como atrizes.

MARIA: *(tira uma fita vermelha do vestido; para Fátima)* Entrega a fita ao João. *(passos mais próximos)* Ele sabe o que fazer... Agora vão embora rápido... *(entra o pai, como ator)*

ALCEBÍADES: *(desconfiado)* O que fazem aqui?

MARIA: Nada, pai. Minhas amigas vieram me visitar, não é, meninas?

INÊS: *(sem jeito)* Já estava de saída. Viemos falar de assunto da igreja. *(benze-se)*

CRISTINA: *(nervosa)* Dos tapetes de serragem colorida da Semana Santa!

FÁTIMA: *(esconde a fita vermelha; firme)* É só uma visita de amigas, seu Alcebíades. *(às outras)* Vamos logo que tenho que ajudar minha mãe.

INÊS: Tenho que passar no mercado.

CRISTINA: Ih, ainda tenho que terminar um trabalho em casa.

FÁTIMA: *(saindo; faz um sinal para Maria)* Está tudo certo, Maria. Tenha um bom dia, seu Alcebíades! *(saem)*

ALCEBÍADES: Tudo certo o quê?

MARIA: Nada, pai.

ALCEBÍADES: *(rindo)* Como é, minha filha? Preparada pra surpresinha do pai?

MARIA: *(brava)* Surpresinha? Posso não querer saber de surpresa nenhuma? *(entra a mãe)*

DONA IEDA: (*interrompe, afobada*) Alcebíades! Alcebíades!

ALCEBÍADES: O que foi, mulher?

DONA IEDA: O general já vem pra cá! É questão de minutos. (*grita*) Inézia! Ajeita a comida que o general já está chegando! (*ao marido*) E você, homem, trate de colocar uma roupa melhor pra receber o general Orozimbão! (*acento musical*)

ALCEBÍADES: Que roupa que nada. Já está tudo resolvido. (*para Maria*) Chegou a hora, minha filha. Esse dia vai ser o dia da redenção da nossa família!

DONA IEDA: (*abraça a filha*) Maria, nossa filha preciosa. Tudo vai dar certo.

MARIA: (*solta-se da mãe, nervosa*) Preciosa? Não acredito que meus próprios pais vão me entregar pra um homem que nem conhecem.

ALCEBÍADES: (*interrompe*) Isso não é verdade! O general Orozimbão... (*acento musical*) É um amigo de velha data, de confiança. (*impaciente*) E agora não é hora de voltar atrás o que já foi combinado com o general.

MARIA: Combinado o quê? (*grita*) A minha venda? Sou preciosa por isso?

DONA IEDA: Venda? Não diga isso, minha filha.

ALCEBÍADES: Tudo é questão de hábito, de costume. Saiba que essas coisas são parte da tradição. Que mal há em querer que a filha conheça alguém honesto e bem de vida? (*impaciente*) Você acha que sabe o que é melhor pra sua vida?

DONA IEDA: Pense no seu futuro, Maria!

MARIA: Que tipo de futuro devo ter com o tal general?

DONA IEDA: Conforto, Maria! Viajar, comer bem e vestir do bom e do melhor! Isso não adianta nada pra você?

ALCEBÍADES: (*nervoso*) Quer saber de uma coisa? Não é hora para discutir mais. Tentei todos esses dias conversar sobre o assunto contigo e nem me dava bola. (*grita*) Não quero mais saber de conversa. Vamos logo! Trate de ir pro quarto e se arrumar que nós hoje vamos “ter a honra” de receber um grande homem em nossa casa. Vista uma roupa bonita e trate de não se trancar no quarto muito tempo. O general Orozimbão... (*acento musical*) Já vai chegar e quero que ele te veja bem bonita. (*à mulher*) E você, mulher, ajuda essa menina a se vestir. (*as duas saem; Maria sai chorando*) Essas mulheres não conseguem perceber as “oportunidades”. A boa vida é uma questão de oportunidade. (*batidas fortes na porta; esfregando as mãos*) Olha a oportunidade batendo na minha porta. (*grita*) Já vai! (*abre a porta; falsa surpresa*)

General Orozimbão! *(acento musical; o general entra, como ator)* Que honra! Por favor, não repare minha humilde casa.

A entrada de Orozimbão e dos filhos é lenta e sincronizada. No meio da sala, o general para e solta um “traque”. Dois cupins e dois pica-paus entram e sobrevoam a sala.

ALCEBÍADES: Sai pra lá! *(enxota os cupins e pica-paus, que saem; baixinho, à parte)*
Ai, meu Deus! Pra quem fui entregar a minha filha! *(muda de tom)* General, que prazer vê-lo em minha casa! *(tenta cumprimentá-lo)*

OROZIMBÃO: *(com desdém)* Não precisa exagerar na cortesia. Não vim aqui para apreciar a sua espelunca. Vim apreciar a minha... Como posso dizer?

OROZIMBUCHO: *(rindo)* A sua “donzelinha”, pai.

OROZIMBÃO: Vim apreciar a “donzelinha” mais linda da cidade. A minha mina de ouro... Menina de ouro. Onde ela está agora? *(levanta o porrete)* Onde?

ALCEBÍADES: *(com medo)* Se arrumando para receber o senhor. *(grita)* Maria! Ieda! O general já chegou! Espere somente um minutinho que ela já vem. *(pausa; sussurra)*
Podemos aproveitar que ela não chegou ainda e acertar os últimos detalhes do nosso negócio, o senhor não acha?

OROZIMBÃO: Acho bom mesmo. O senhor preparou os papéis? O contrato?

ALCEBÍADES: *(tira um papel do bolso)* Aqui está, general. Tudo como nós combinamos. Já assinei tudo. *(entrega o papel ao general)*

OROZIMBÃO: *(olha o papel)* Tem certeza que está tudo aqui? *(lê o papel e levanta o porrete)* O senhor quer mais duzentas vacas pra fechar o contrato? Já não basta o que te dei e ainda acertar todas as suas dívidas com a mercearia, a loja de roupas e o banco?

ALCEBÍADES: *(choroso)* São só umas vaquinhas para tirar um leitinho.

OROZIMBÃO: *(amassa o papel e joga no pai)* Não tem vaquinha não. O combinado foi liquidar as dívidas e mais um pouquinho por fora. *(tira uma folha de papel grande do bolso)* Esse é o contrato e tem que ser do meu jeito. Assina ou não assina? *(o pai tenta pegar o papel, o general não deixa; com o porrete)* O senhor duvida da minha honestidade? Acha que precisa ler o contrato que eu fiz pro senhor assinar?

ALCEBÍADES: *(com medo)* Longe de mim uma coisa dessas, general. Não preciso ler nada. O senhor é um notável, um herói da guerra.

OROZIMBUCHO: *(nervoso)* Da guerra não! O pai é herói de muitas guerras!

OROZIMBINHO: Capitão na guerra de Itararé.

OROZIMBUCHO: Na guerra dos Apipucos, herói general das grandes guerras, da 1ª ...

OROZIMBÃO: *(grita)* Chega! Não precisa falar de todas as guerras. *(decidido)* O que interessa é que o senhor assine aqui e não se fala mais nisso. *(pega uma grande caneta no bolso e entrega ao pai, que vacila para assinar; com o porrete levantado)* Acertei tudo que deve. Agora é assinar e pronto.

ALCEBÍADES: *(trêmulo)* Mas o senhor tem certeza que não falta nada? Alguma coisa na mão? Alguma quantia em dinheiro? Um tutu ao vivo na mão?

OROZIMBÃO: *(cínico)* Ah, então quer dinheiro na mão? Um “tutu na mão do menino”?

ALCEBÍADES: *(ri, ávido)* Isso mesmo, general!

OROZIMBÃO: *(pega um saco de moedas e joga para o pai)* Acho que isso resolve o caso, não resolve? *(ri, sórdido)*

ALCEBÍADES: *(pega o saco de moedas)* Mas é claro que resolve, general! *(assina rápido o papel e entrega ao general; abre o saco e balança as moedas; num transporte)* Ai como é bom ouvir esse barulhinho de metal! *(cheira o saco, rindo)* Esse cheirinho de dinheiro. Há quanto tempo não sei o que é ter dinheiro na mão.

OROZIMBÃO: *(firme)* E ainda dou mais sete vacas para não ter nenhuma reclamação.

ALCEBÍADES: *(rindo)* O senhor é um homem muito bom. Mais sete vaquinhas. *(tenta beijar a mão do general)* O senhor é um verdadeiro santo.

OROZIMBÃO: Deixa de beija-mão que eu não gosto de baboseira. Agora que já resolvemos o negócio... *(procurando)* Onde está a nossa “mercadoria”? Quer dizer, a “donzelinha”? Não vejo a hora de tocar na minha... *(ri alto com os filhos)*

ALCEBÍADES: *(interrompe)* Ela já vem, general. *(grita)* Ieda! Maria! *(baixinho, subserviente)* O senhor sabe como são as mulheres. Gostam de se arrumar e isso sempre demora. *(grita)* Vamos logo, Ieda! Traz logo essa menina do jeito que está!

DONA IEDA: *(de fora)* Já vai!

OROZIMBÃO: *(sério)* Eu espero que o senhor, quero dizer, a menina... *(pausa; solta um “traque” barulhento; o pai reage com nojo; ameaçador)* O que é? Os meus “sons” te incomodam? Se te incomodam, dou um jeito para não incomodar. *(levanta o porrete e grita)* Incomodam?

ALCEBÍADES: *(trêmulo)* Não, general! *(pausa; trocam olhares)* Eu até que...

OROZIMBÃO: *(interrompe)* Só falta anunciar o casamento!

OROZIMBUCHO: *(alegre)* A grande festa!

OROZIMBINHO: *(ri, saltitante)* A maior festa da cidade!

ALCEBÍADES *(ri)* Pode ser amanhã como combinado!

OROZIMBÃO: Tem que ser o mais rápido possível. *(firme)* Isso mesmo, amanhã!

ALCEBÍADES: O senhor acha que vai dar tempo pros preparativos da festa?

OROZIMBÃO: Deixa por minha conta! O senhor não precisa gastar nada. Deixa isso comigo como um presente para a jovem donzela, a minha “mercadonzelinha”...

ALCEBÍADES: *(alegre)* Que bondade a sua, meu santo general! Santo Orozimbão!
(acento musical)

OROZIMBÃO: *(baixinho, à parte)* Santo do pau oco. *(ao pai)* Agora que acertamos tudo, vamos ao que interessa. *(bate o porrete na mesa)*

ALCEBÍADES: *(tremendo)* Claro, general. *(grita)* Maria! Ieda!

DONA IEDA: *(de fora)* Mais um segundo!

ALCEBÍADES: Mais um segundo. O senhor quer beber alguma coisa enquanto isso?

Entra Maria, como atriz, com vestido rosa, cabisbaixa, seguida da mãe, eufórica. O pai guarda o saco de moedas no bolso. Começa o tango PALOMITA, instrumental, e os movimentos e falas acontecem na pulsação dramática da música.

DONA IEDA: *(maravilhada)* General Orozimbão! *(acento musical do tango)* Muito prazer! MUITÍSSIMO prazer!

OROZIMBÃO: *(com desdém, olha Maria)* Muito prazer! *(levanta, maravilhado)*

ALCEBÍADES: Essa é a minha Maria, general!

OROZIMBÃO: *(ri, cínico)* Sim, a minha... Quer dizer, a sua Maria. *(senta; à parte)* O idiota pensa que ainda é sua filha. Agora é minha. *(olha Maria, que desvia o olhar)*

ALCEBÍADES: Ieda, vamos lá dentro que eu preciso conversar contigo. *(a Orozimbão)* Os seus filhos não querem tomar um refresco e um ar no quintal? *(pisca o olho)*

OROZIMBÃO: Ah, sim. *(aos filhos)* Orozimbucho, Orozimbino, acompanhem o senhor Alcebiades! *(Dona Ieda, os filhos do general e o pai saem, na pulsação do tango)*

MARIA: *(nervosa)* Pai, não me deixa aqui sozinha!

OROZIMBÃO: *(ri)* Então ficar comigo é ficar sozinha? Não se preocupe que não vou fazer nada. *(pausa; cínico)* Você deve ser muito prendada.

MARIA: *(sem jeito)* Não! Sim.

OROZIMBÃO: Canta? *(pausa; levanta o porrete, rindo)* Então canta pro seu generalzinho! Se não cantar agora, donzelinha... *(o tango cessa; Maria canta ALECRIM, sem instrumentos)*

MARIA: *(trêmula)*
Alecrim, alecrim dourado,
Que caiu no campo
E não foi semeado.

Alecrim, alecrim aos molhos,
Por causa de ti
Choram os meus olhos.
(refrão) – Ai meu amor!

Quem te disse assim,
Que a flor do campo
É o alecrim? *(bis)*

Alecrim do meu coração,
Que nasceu no campo
Com esta canção.

Alecrim, alecrim a arder,
O teu fumo é santo,
Junto a Deus vai ter.

OROZIMBÃO: *(boceja)* Isso, minha menina de ouro, canta. *(cantarola)* Alecrão do Orozimbão... *(acento musical; tenta pegá-la)* Ai, meu amorzão! Vem cá, meu alecrimzão do coração. *(ela recua; gargalha e boceja, solta um “traque” barulhento e adormece)*

MARIA: *(com nojo)* Ai, meu Deus, que homem nojento! A vida não tem pena de mim? *(o general ronca profundamente)* Como posso viver com um... *(num sobressalto)* Isso mesmo, dorme general... Enquanto isso... Podia chamar... *(entram os dois cupins e os dois pica-paus e sobrevoam a cabeça do general; espanta-os)* Sai pra lá, cupim! Sai pica-pau! *(os bonecos vão para um canto; ela anda de um lado ao outro; entra João, com um porrete na mão)*

JOÃO: *(nervoso)* Maria, só fiquei sabendo de tudo hoje. *(olha o general, levanta o porrete, furioso)* Acabo com esse sujeito agora.

MARIA: *(detém João)* – Não, João! Não devia estar aqui... *(os cupins e pica-paus rodopiam em volta da cabeça do general, que levanta o porrete, dormindo, e assustam os; Maria enxota-os)* Vão embora, senão o general acorda e vê o João! *(os bonecos vão para um canto)*

JOÃO: *(afrito)* Vamos fugir agora!

MARIA: Vamos. Quer dizer... Não posso. *(chora)*

JOÃO: *(segura suas mãos)* A hora é agora, Maria. Não precisa levar mala. A gente começa a nossa vida do nada. *(o general ronca)*

MARIA: Se o general acordar ele te mata.

JOÃO: Não saio daqui sem você, Maria.

MARIA: Não diga isso, João. Ai, que enrascada...

JOÃO: Vamos embora logo! *(o general ronca e levanta o porrete)*

MARIA *(afrita)* Vai embora. Ai, meu Deus! Ai, minha Santa Inês! O que eu faço? *(o general se coça, ronca alto e fala; João se esconde)*

OROZIMBÃO *(sonâmbulo)* Alecrão do Orozimbão... *(acento musical; boceja, solta um "traque" e adormece)*

JOÃO: Como seu pai pode fazer isso. Um homem que solta "traque" até dormindo?

MARIA: Ele é muito malvado, João. Pode te matar se te vê aqui. Vai embora. Ai, que aflição!

JOÃO: Aflição é o que sinto. Vou arranjar um jeito de atrapalhar tudo. *(abraça e a beija na boca)*

MARIA: Ai, João... *(se solta dos braços dele)* Cuidado. Não faça nada... *(o general acorda de repente, levanta da cadeira com o porrete; João foge rápido, fazendo barulho)*

OROZIMBÃO: *(grita)* Que barulho é esse? Quem acabou de sair? Eu vi! Quem foi?

MARIA: Não foi nada, general. São os insetos. *(os bonecos sobrevoam o general)*

OROZIMBÃO: *(espanta-os com o porrete)* Sai pra lá! *(os bonecos saem)* Eram só insetos mesmo? Eu vi e não sou cego. Não está mentindo pra mim? *(levanta o porrete)* Porque se estiver mentindo... Tinha mais alguém aqui? *(bate com o porrete na mesa duas vezes; os pais, os filhos do general e Inézia entram, assustados; grita)* Quem era?

DONA IEDA: O que foi isso?

ALCEBÍADES: Que barulho é esse?

OROZIMBÃO: *(furioso)* Eu estava tirando uma soneca quando ouvi um barulho suspeito e vi um vulto saindo. Não é verdade?

ALCEBÍADES: *(aflito)* O que foi, Maria?

MARIA: Não foi nada. Só os insetos. O general se incomodou e acordou nervoso.

OROZIMBÃO: *(grita)* Não eram só insetos não. E o vulto? *(baixinho ao pai, ameaçador)* O senhor não disse que a menina era pura? *(levanta o porrete)* É pura ou não é?

ALCEBÍADES: *(trêmulo)* Pura como a água do rio.

DONA IEDA: *(insinuante)* Pura como uma flor em botão e como a água do rio.

OROZIMBÃO: *(sarcástico)* Eu vou conferir se é ou se não é pura como uma flor, como a água do rio. *(aos filhos)* Vamos embora, meus filhos! *(ri, cínico)* Pura como a água do rio... *(gargalha; chama o pai num canto e entrega-lhe um saquinho com moedas; baixinho)* Tome aqui essas moedas como recompensa pela beleza da menina e para ajudar na festa de casamento. Depois te dou mais algum na mão. *(o pai guarda o saquinho; alto)* E trate de providenciar os preparativos para a festa de casamento. *(triumfal)* Eu quero um festão como nunca visto na cidade.

ALCEBÍADES: *(servil)* Pode ficar tranquilo, meu santo general.

OROZIMBÃO: Você é que tem que ficar tranquilo. *(levanta o porrete)*

ALCEBÍADES: Estou muito tranquilo, generalíssimo.

OROZIMBÃO: *(cantarola)* Alecrão do Orozimbão... *(acento musical; para e solta um "traque"; sai com os filhos, rindo alto)* Alecrão do Orozimbão... *(acento musical)* O meu coração é douradão. Eu sou bonitão, sou um alecrão...

MARIA: *(revoltada)* Que homem nojento.

DONA IEDA: Nojento? Ora, minha filha...

MARIA: O que pensam de mim? Sujeito sem modos, malvado, fedido.

DONA IEDA: Você se acostuma. (*sonhadora*) Afinal, o general não é tão mal assim.

ALCEBÍADES: O que está feito está feito! Vamos providenciar o casamento. Eu te peço, Maria, não estrague tudo. Não faça nada sem pensar. (*doce*) Pense no futuro de conforto e fartura que vai ter, filha. Foi no seu futuro que o seu paizinho pensou.

MARIA: (*chora*) Que futuro?

ALCEBÍADES: (*nervoso*) Agora não peço, eu exijo! Vai casar e pronto! Não sou homem de voltar atrás com minha palavra.

MARIA: (*aflita*) Não sei o que será de mim... (*sai correndo e soluçando; Inézia sai atrás*)

DONA IEDA: Ela só vai perceber o bem depois, Alcebíades. Tenha paciência. (*sai*)

ALCEBÍADES: Tenho paciência até demais. Hoje o dia foi cheio. (*pega o saquinho de moedas, ri sozinho*) Nada como o barulhinho de moedas para me acalmar. (*sai*)

A luz fecha no palco. Pela plateia, entram 3 JORNALEIROS, atores-jornais e atores-cartazes, com jornais e anunciando as manchetes, na plateia e depois no palco.

JORNALEIRO 1: Extra! Extra! Olha *A Noite!* Está no hospital a mulher que engoliu um tijolo! Quem vai querer *A Noite?* Extra! Extra! A mulher que engoliu um tijolo! Extra!

JORNALEIRO 2: Olha *O Diário!* O repórter do asfalto, Nelson Rodrigo, revela tudo sobre a morte do "Coisa"! Não percam! A morte do "Coisa"! Extra! Extra!

JORNALEIRO 3: Olha a *Folha do Dia!* *A Folha do Dia!* O casamento do general! Vai ser hoje a grande festa! Não percam! Quem comprar a *Folha do Dia* ganha um convite para o casamento do general Orozimbão! (*acento musical*) Extra! Extra!

JORNALEIRO 1: Olha *A Noite!* Não percam a reportagem do bebê que nasceu azul e com 10 quilos! Extra! O bebê gigante que nasceu azul! *A Noite! A Noite!*

JORNALEIRO 2: *O Diário!* Extra! Extra! O "pé de bode" ataca novamente! O intrépido repórter Nelson Rodrigo descobre mais uma vítima do "pé de bode" no Centro! Não percam! *O Diário!* Extra! Extra! O "pé de bode" ataca! Extra! Olha *O Diário!*

JORNALEIRO 3: *A Folha do Dia* anuncia o casamento do generalíssimo Orozimbão! (*acento musical*) O viúvo mais cobiçado do país! Não percam! Quem comprar o jornal ganha um convite! Vai querer? (*os três sobem ao palco*) É hoje a maior festa da cidade! Extra! Extra! O casamento do general Orozimbão! (*acento musical; os três saem pelo palco; de fora se ouvem gritos*)

TODOS: Viva o general! Viva Maria! Viva o santo generalíssimo Orozimbão! (*acento musical*)

As luzes abrem na tenda de bonecos, na casa de Maria. Entram, em movimentos sincronizados, como mamulengos, o casal e os convidados, em bloco, ao som da marcha nupcial em ritmo de samba, na batida lenta e triste de enterro de sambista, “samba réquiem”. O general, com o porrete, ao lado direito de Maria, vestida de noiva, os pais ao lado esquerdo da filha. Todos os personagens da peça estão presentes e João, Tadeu e Santiago estão vestidos de mulher. Os cupins e pica-paus, pequenos, na proporção dos mamulengos, sobrevoam os convidados. A música cessa e o grupo fixa uma imagem para o público, a primeira fotografia da festa de casamento. Todos sorriem, menos Maria. Depois, os músicos tocam e cantam os cocos O TREM DE FERRO e TRÊS CÔCOS e os bonecos dançam frenéticos na tenda, dão umbigadas e trocam de par.

O trem de ferro
Quando sai de Pernambuco
Vai fazendo fuco-fuco,
Até chegar no Ceará. (*bis*)

Rebola, bola,
Você diz que dá que dá,
Você diz que dá na bola,
Mas na bola você não dá! (*bis*)

Rebola o pai,
Rebola a mãe, rebola a filha,
Eu também sou da família,
Também quero rebolar. (*bis*)

Três cocos, “siricóia” miudinha!
Três cocos, “siricóia” “miúdá”. (*bis*)

Passo pra aqui,
Passo pra ali,
Passo pro canto,
Eu daqui não me levanto,
Morro doido de apanhar. (*bis*)

Papai, cadê Maria?
Maria foi passear!
O passeio de Maria
Faz papai e mamãe chorar. (*bis*)

TODOS: (*gritam*) Eh! (*dão uma umbigada*) Eh! (*outra umbigada*) Eh! (*última umbigada; a música cessa*).

Todos param num gesto com a música e compõem uma imagem, a segunda fotografia da festa de casamento. A luz abre na tenda sobre Orozimbão, que fala com Alcebíades e Dona Ieda. Os outros ficam imóveis, apenas os personagens que dialogam se movimentam e gesticulam. Luzes destacam os três; luzes baixas nos outros, imóveis.

OROZIMBÃO: *(feliz)* Senhor Alcebíades, foi um bom trato, não foi? Agora está mais tranquilo?

ALCEBÍADES: Ora, general, a tranquilidade financeira é questão de oportunidade.

DONA IEDA: *(ri)* Tenho certeza que Maria será feliz com o senhor general. *(insinuante)* Certeza absoluta! *(inclina-se para o general e balança os seios)*

OROZIMBÃO: Pode ter certeza. *(veemente)* Comigo é assim. Se gosto, eu compro! Não há nada que não se possa comprar. *(baixinho, ao pai)* Aumentei nosso trato em mais quinze vaquinhas e mais um “cascalhinho” por fora, combinado? Pela beleza da “menina de ouro”, vale tudo.

ALCEBÍADES: *(feliz)* Ô meu general, o senhor...

OROZIMBÃO: *(interrompe, solta um “traque”, todos reagem com nojo)* Vamos comemorar!

Começa a valsa BEIJINHO, instrumental. Os bonecos dançam e rodopiam na tenda. Corte da cena e fusão do ambiente: o rodopio dos bonecos na tenda funde-se com o rodopio dos atores no palco. A luz fecha na tenda e abre no palco. Os bonecos somem. Todos agora são atores e entram rodopiando e dançando no palco. Maria dança com o general. A valsa para e todos fixam outra imagem, a terceira fotografia da festa de casamento. João, Tadeu e Santiago conversam num canto do palco com vozes e trejeitos femininos e os outros continuam imóveis. Luzes destacam os três conversando; luzes baixas nos outros, parados.

JOÃO: Não vejo a hora de acabar logo com essa baboseira.

SANTIAGO: Vocês não acham que é hora de falar com Maria?

TADEU: Não, Santiago, o Orozimbão... *(acento musical)* Está com ela e se descobre acaba com a gente.

SANTIAGO: *(com medo)* É mesmo, Tadeu, ele mata a gente de porretada.

TADEU: Espera mais um pouquinho. Uma hora Maria fica sozinha e aí...

JOÃO: *(interrompe)* Vontade de acabar essa palhaçada. Ai, esse salto alto...

TADEU: A minha maquiagem já está derretendo.

SANTIAGO: E esse vestido? Meus seios estão caindo.

TADEU: Ai, o lápis no meu olho... *(impaciente)* Vamos começar a confusão agora, João.

SANTIAGO: O combinado é assim. Nós avançamos no velho e nos filhos e você foge com a Maria na confusão, não é isso, João?

JOÃO: Calma. Maria ainda não sabe que estamos aqui. É bom esperar a hora certa, quando o general se distrair. Daqui a pouquinho a gente faz o combinado e tira as perucas e os vestidos. Deixa o baile esquentar mais. O negócio vai ferver aqui hoje. Ah, se vai.

Volta a música com o baião PEGA NA CINTURA DELA. Corte com ações simultâneas: as luzes abrem na tenda e no palco, as danças e ações se dão entre os atores no palco e entre os bonecos na tenda e todos cantam e dançam freneticamente, trocando de pares.

Pega na cintura dela,
Que o forró vai esquentar
E quem não dançar,
Não tem chorumela,
Vai segurar a vela,
Encostado na janela
Até o baile acabar. *(bis)*

Não fique aí parado no salão,
Com cara de quem comeu e não gostou.
Quem dança alegre o coração,
Então, pega na cintura dela
E chama a bela de flor. *(bis)*

Ai, como é bom dançar agarradinho,
Assim juntinho com tanto chamego.
Quando pego nessa cinturinha,
É um bole-bole, é um nheco nheco, é um remelexo. *(bis)*

A música cessa a folia, os atores no palco e os bonecos na tenda param numa imagem, compõem a quarta fotografia da festa de casamento e ficam imóveis durante o diálogo entre Maria e as amigas, como atrizes no palco. Luzes destacam as quatro; luzes baixas nos outros, imóveis.

MARIA: *(triste)* O que vai ser de mim com esse traste?

FÁTIMA: É, Maria, agora eu vi e o general é um traste mesmo.

INÊS: Traste é pouco.

CRISTINA: Já pensou conviver com um homem desses?

MARIA: Se o João estivesse aqui...

INÊS: Ele não ia poder fazer nada.

FÁTIMA: O general acabava com ele.

CRISTINA: Mas eu sinto que alguma coisa vai acontecer.

MARIA: Não é possível acreditar no que está acontecendo...

INÊS: Maria, reza para acontecer uma desgraça com o general.

CRISTINA: O que é isso, Inês? Ninguém reza para acontecer desgraça com os outros.

FÁTIMA: (*profética*) Não há problema no mundo que não tenha solução quando a gente tem fé.

O baião volta, instrumental, e cessa com três umbigadas entre os atores no palco e entre os bonecos na tenda. Todos param e fixam a quinta fotografia da festa de casamento. Corte da cena: a luz continua nos atores no palco, fecha na tenda e os bonecos somem. Um foco abre no general Orozimbão, ator, sozinho no meio da sala. Os cupins e pica-paus, bonecos aéreos, no palco, voam acima dos convidados, que permanecem imóveis. Diante do general Orozimbão, os pica-paus ameaçam bicá-lo na cabeça. Começa o samba-de-roda ZUNZUM, instrumental. O ataque dos pica-paus ao general é uma dança lenta, ritmada e marcada.

OROZIMBÃO: (*afrito*) Não! Cupins e pica-paus não! (*os pica-paus o atacam na cabeça; bate com o porrete na própria cabeça; todos olham; cambaleia*) Ai, ai, ai, minha cabecinha...

OROZIMBUCHO: Sai, cupim! Sai pica-pau! Meu pai é sensível aos cupins e pica-paus! (*espanta os bonecos e bate com o porrete na cabeça do pai, que geme e fica tonto*)

OROZIMBÃO: Ai, ai, ai, meu cabeção...

OROZIMBINHO: (*nervoso*) ô, cupim! Sai pra lá, pica-pau! (*os pica-paus e cupins atacam a bunda do general; bate com o porrete na bunda do pai, que geme de dor*)

OROZIMBÃO: Ai, que assim eu não aguento... (*solta um "traque" e cambaleia*)

Os pica-paus atacam e bicam a cabeça do general, que tem um “tremelique”, grita, geme, cambaleia de um lado ao outro, com estardalhaço e rebuliço, e cai no chão, lentamente. Antes do último suspiro, o general solta um último “traque” estrondoso. Todos se assustam e ficam imóveis em volta do general. Os pica-paus sobrevoam a sala, pousam na cabeça do general, tiram os olhos dele e saem voando com os olhos nos bicos. João pega o porrete e ameaça bater na cabeça de Orozimbão, mas Tadeu e Santiago não deixam.

JOÃO: *(voz de mulher; bate com os dedos na cabeça do general; som de madeira)*
Esse salafrário não é gente! É um boneco de madeira. É oco. Sem coração.

TODOS: *(assustados)* O general Orozimbão... *(acento musical)* É de madeira!

TADEU: *(voz feminina)* O general não é gente! É de madeira. Santo do pau oco!

SANTIAGO: *(voz feminina)* O homem é uma fraude. Não tem tripa nem coração.

JOÃO: O tal general não tem nem coração! O general é oco por dentro!

TODOS: O homem é oco! Vamos levar pra fazer fogueira! *(todos cantam o samba em volta do general caído no meio do palco e dos filhos ao lado dele)*

Diz que bicho que come madeira
Também come os olhos de quem é mau. *(bis)*

Xô, cupim!
Xô, pica-pau!
Sai do oco do pau,
Vai pra longe de mim! *(bis)*

Zunzunzum!
Zunzum êh!
Bate bico, bate bicão,
Seu olho vai comer! *(bis)*

Todos erguem o general no alto, duro como madeira, saem com ele lentamente e a música termina. João, Tadeu e Santiago expulsam os filhos de Orozimbão a porretadas e tiram as roupas de mulher. Surpresa geral. Começa o maxixe PICA-PAU, instrumental. João e Maria dançam e todos fazem o mesmo. Corte com ações simultâneas: a luz abre na tenda e os bonecos também dançam freneticamente. As ações se dão com os atores no palco e os bonecos na tenda. Maria e João param a dança, a música faz uma parada dramática, todos param e olham os dois, que se beijam. O beijo acontece ao mesmo tempo, com os dois atores no palco e os dois bonecos na tenda. Todos riem e suspiram e ficam imóveis, compondo a sexta e última fotografia do casamento, com os atores e os bonecos. Ouve-se um apito longo e começa o samba NA RODA DANÇA DO MUNDO. A luz fecha na tenda e os bonecos

somem. Os atores cantam enquanto trocam as roupas, vestem-se de atores navegantes, desmontam a tenda, guardam os bonecos e fazem as malas.

Lá vai o Teatro da Roda Dança,
A barca do Teatro do Mundo vai navegar!
Na roda dança tem criança,
Na dança de roda tem piá! *(bis)*

O Teatro do Mundo parte para outras bandas
Com histórias de amor e folia.
Na roda dança do mundo tem samba,
Tem xote, coco, ciranda e cantoria! *(bis)*

O teatro é mais que espelho,
É lente de aumento, é janela.
É colocar cravo vermelho
Bonitinho na lapela
E dançar de madrugada
Com a morena mais bela. *(bis)*

O teatro é o grande livro do mundo,
O vento forte que bate na vela,
É a sorte e um ano num segundo,
Um mundo novo que se revela.
É uma grande presepada,
É a vida e o absurdo,
É rir de uma topada,
É o fato, a fita e a novela,
O mito, a lenda, o conto de fadas. *(bis)*

Mar à vista! Levanta a vela! Olha a andança!
Mar à vista! Levanta a âncora! Olha a andança!
O Teatro do Mundo vai partir na barca grande,
Vou pra bem longe, sou brincante navegante.
O mundo gira e o Teatro da Roda Dança! *(bis)*
O Teatro do Mundo não dá o pão,
Mas mata a fome com um “conto de reis”,
Dois “contos de réis” e uma canção. *(bis)*

A música continua instrumental. Depois de se vestirem, desmontar a tenda, guardar os bonecos e fazer as malas, todos sambam de frente para o público.

NARRADOR 1: *(na pulsação do samba)* Respeitável público! Chegou a hora da despedida!

NARRADOR 2: O momento da partida!

NARRADOR 1: Quando se fala aquela palavra do alfabeto com cinco letras...

NARRADOR 2: Que se diz ao outro na hora de viajar.

NARRADOR 1: Adeus!

NARRADOR 2: Adeus, adeus e boa viagem.

NARRADOR 1: Isso quer dizer que um dia...

NARRADOR 2: O Teatro do Mundo vai voltar.

NARRADOR 1: Somos um grupo de teatro internacional. Vamos agora para Portugal!
(o samba para; todos dançam o "vira")

TODOS: Raios! *(ficam imóveis)*

NARRADOR 2: Depois vamos pra uma turnê na Espanha! *(os atores sapateiam)*

TODOS: Olé! *(ficam imóveis; o samba volta)*

NARRADOR 1: Respeitável público! Esse foi o... *(com o narrador 2)* Teatro do Mundo!

TODOS: *(na pulsação do samba)* Teatro do Mundo! Teatro do Mundo! Teatro do Mundo!

O samba cessa, os atores fixam uma imagem para o público. O narrador 1 apita, todos tiram um lenço e cantam o coco NAS ONDAS DO MAR, com palmas e batidas de pé.

É hora de ir embora – É hora!
Adeus e boa viagem – É hora! *(bis)*

Até logo, até breve, *(nas ondas do mar)*
Um dia vamos voltar, *(nas ondas grandes do mar)*
Que o vento nos leve, *(nas ondinhas do mar)*
Em paz para outro lugar. *(bis)*

Adeus é triste pra quem fica, *(na beirinha do mar)*
Faz quem parte chorar. *(no meio do mar)*
É hora da despedida, *(na beira do mar)*
A barca vai navegar. *(bis)*

Os atores cantam e dançam espalhados pelo palco, dando umbigadas e batendo palmas e pés. Depois fecham a música com três umbigadas e três gritos, no ritmo do coco.

TODOS: Eh! Eh! Eh!

Os atores fixam uma imagem final de despedida, acenando lenços ao público. O narrador 2 dá três apitos longos e os atores montam a barca com o grande pano vermelho, levantam o estandarte como uma vela no meio do barco, pegam as malas e cantam a marcha-rancho SAUDADE.

Ôôô, é hora! Vamos embora, a barca no cais apitou!
Ôôô, é agora! A triste hora do adeus, meu amor. *(bis)*

No coração ficou um *zunzunzum*,
A saudade bate forte, bate num *baticum*. *(bis)*
Quando verei os olhinhos do meu bem?
Levanta a vela e chama o vento!
Eu sinto um aperto no peito
De saudade de alguém. *(bis)*

Adeus, morena da rosa amarela,
Adeus, loirinha do diadema,
Adeus, princesa de ébano, minha mulata.
Vou com saudade de todas elas,
Mas vou com pena
Por não ver mais a lua de prata. *(bis)*

Ôôô, é hora! Vamos embora, a barca no cais apitou!
Ôôô, é agora! A triste hora do adeus, meu amor. *(bis)*

Andanças. Os atores e músicos navegantes saem na barca grande cantando e acenando os lenços. A música e a cantoria somem aos poucos na coxia. Silêncio. Escuridão.

FIM

Obs.

Este texto foi retirado do site do CBTIJ - Centro Brasileiro de Teatro para a Infância e Juventude. Lembramos que qualquer montagem, profissional ou amadora, desse texto, requer a autorização do autor, ou da entidade detentora de seus direitos autorais.



CORAÇÃO DIAMANTE

Texto de Luiz Carlos Laranjeiras

Contatos:

CBTIJ: cbtij@cbtij.org.br

Luiz Carlos Laranjeiras (Luís Carlos Ribeiro dos Santos)

48 99854 8558 / 11 95218 7346 / 61 99804 3868

luizclaranjeiras@gmail.com

lcsantosreis@hotmail.com

Thiago Arruda “Mairum” Ribeiro dos Santos (filho do autor)

48 99673 1772 / 48 99125 0134

thiagomairum@hotmail.com

thiagomairum@yahoo.com.br